



Sala 5
Gab. —
Est. 56
Tab. 7
N.º 51

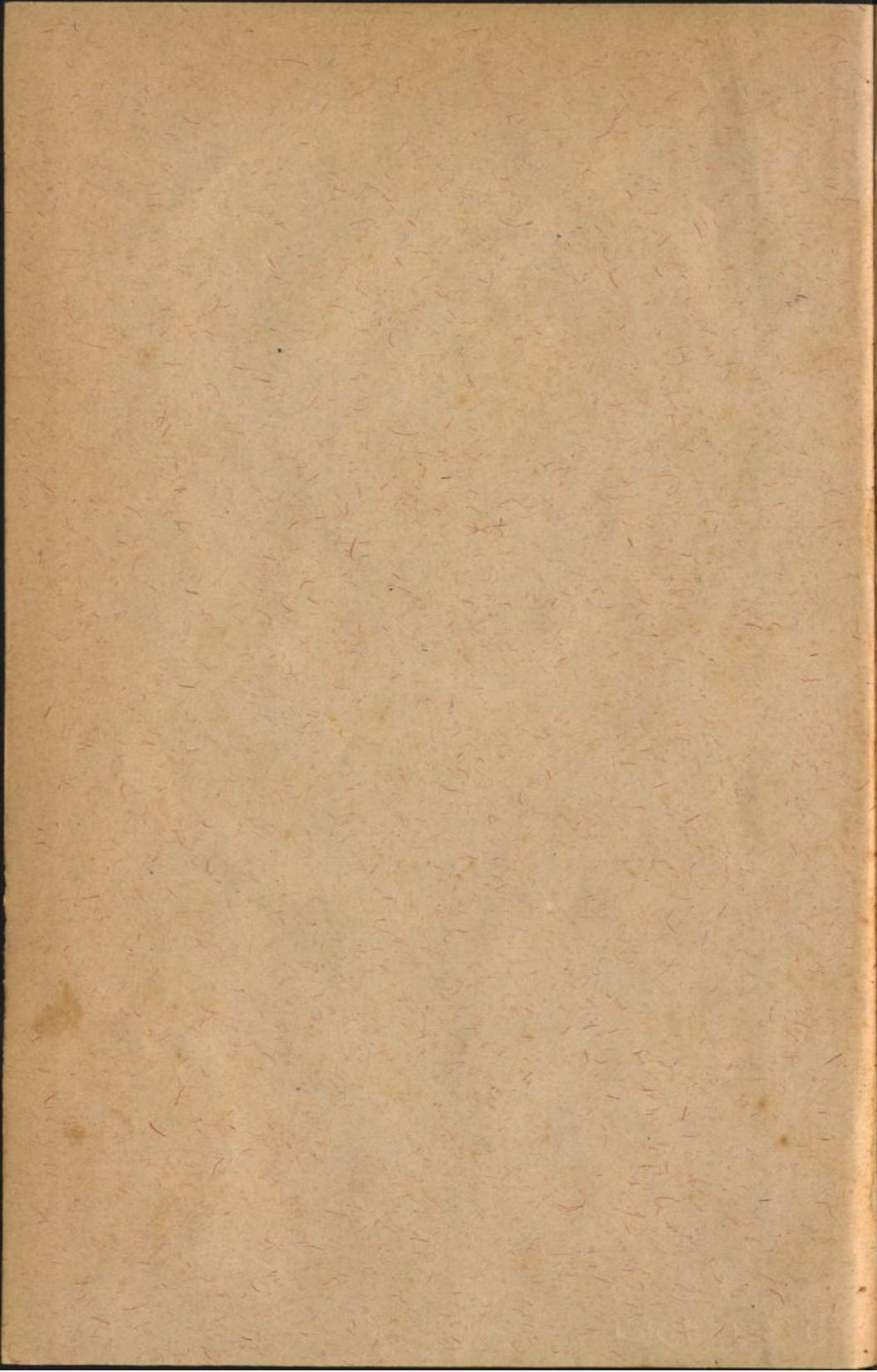
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral



1301500639



b 24499389



ESTUDO DE HYGIENE REGIONAL E INTERNACIONAL

PROPHYLAXIA

DA

PESTE, FEBRE AMARELLA E CHOLERA-MORBUS

MEDIDAS APPLICAVEIS NA EUROPA

POR

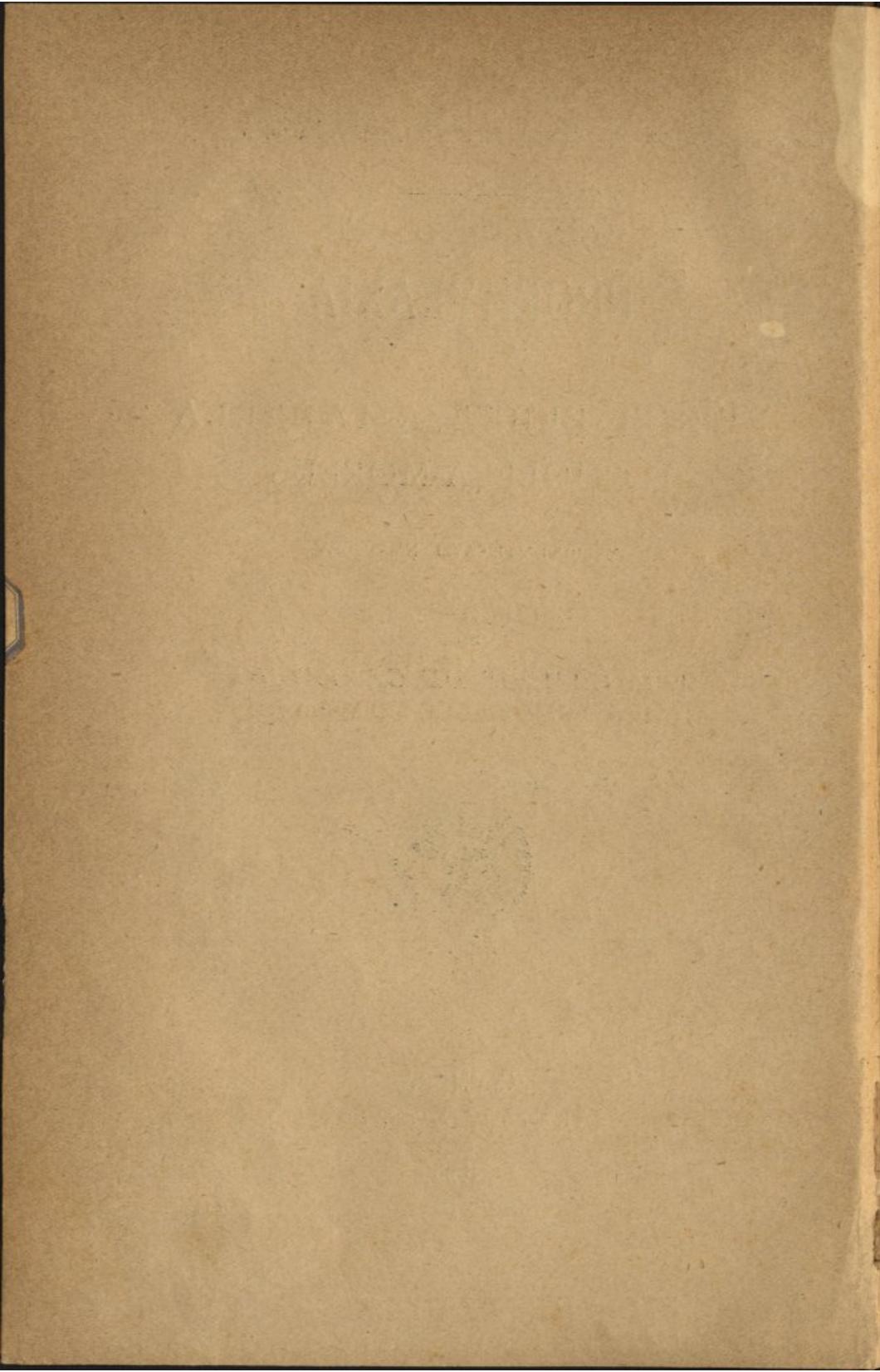
A. V. CAMPOS DE CARVALHO



COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1898



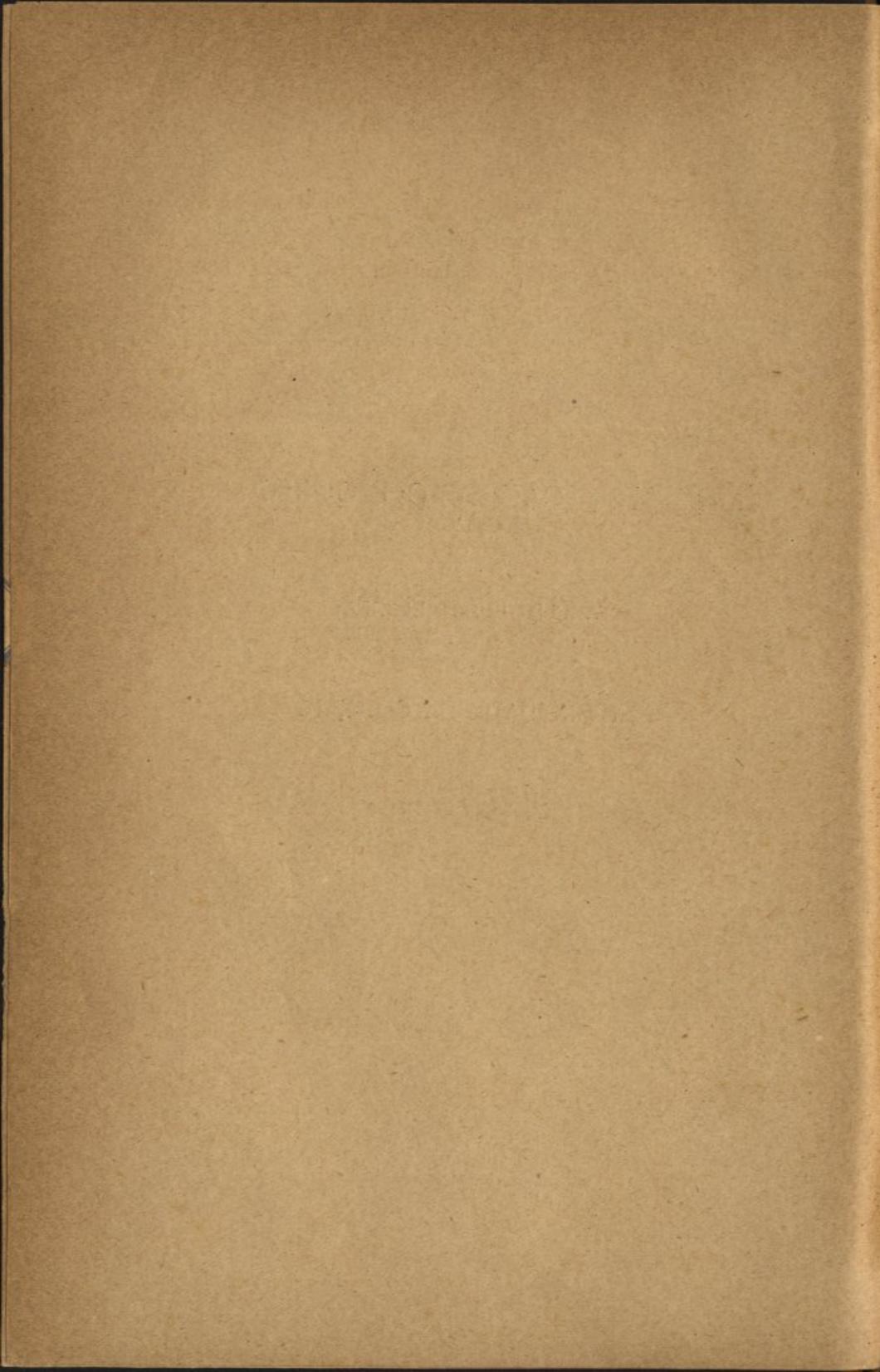
DISSERTAÇÃO DE CONCURSO

APRESENTADA Á

FACULDADE DE MEDICINA

DA

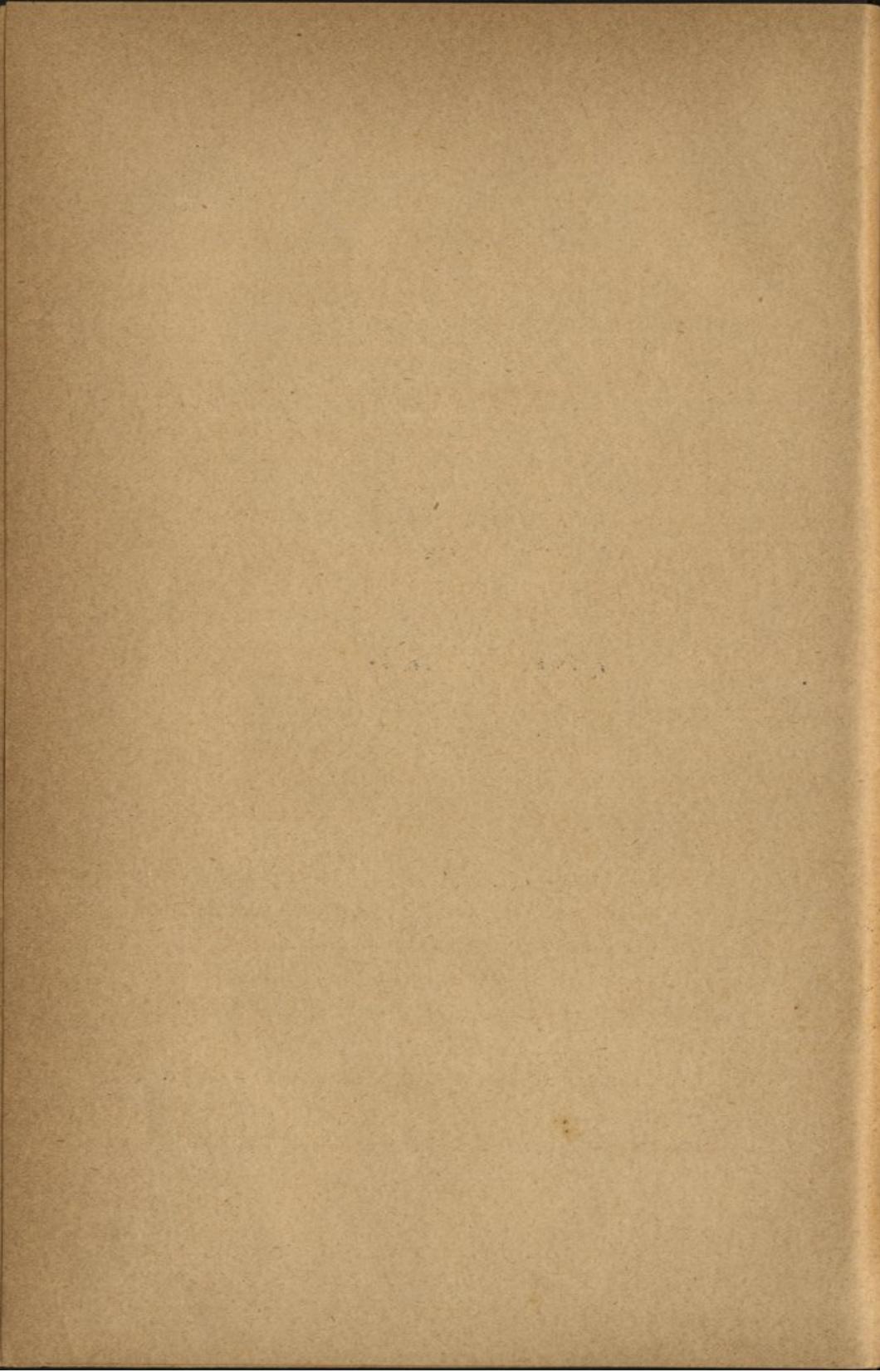
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



A MEUS PAES

E

A MEUS SOGROS



PREAMBULO

Constitue o objecto d'este modesto trabalho um assumpto cuja importancia hombraia com os de maior alcance da hygiene.

As doencas pestilenciaes exoticas, partindo de seus berços endemicos em lugubres excursões, tantas vezes têm subjugado a humanidade pela morte, pelo terror, pela fome e pela miseria que, ainda nos periodos de interregno epidemico, com o inimigo a milhares de kilometros, não se esvaece o temor de novas devastações.

«Que sont vingt batailles, diz Littré, que sont vingt ans de la guerre la plus acharné à côté des maux que causent ces immenses fléaux? Le choléra a fait périr en peu d'années autant d'hommes que toutes les guerres de la Révolution...».

Antes da cholera e mil vezes mais terrivel do que ella, em hecatombes assombrosas que hoje mais parecem devaneios da imaginação

do que factos historicos, a peste bubonica arrebatou innumeradas vidas, ameaçando extinguir a especie humana. Só a pandemia do seculo vi — a peste de Justiniano — calcula-se que immolara mais de cem milhões de victimas e a do seculo xiv — a morte negra — n'um prazo de oito annos reduziu a população da Europa n'uns 24 milhões de habitantes!

Não foram tão funestas aos povos da Europa as visitas da peste occidental, por lhe sobrestarem o passo condições climatericas e topographicas bem definidas; entretanto, os germens icteroides muitas vezes dizimaram as cidades do littoral hespanhol do Mediterraneo e em Lisboa originaram duas epidemias bastante mortíferas.

Ainda hoje, infelizmente, estes flagellos pestilenciaes empannam muito ao longe os horizontes da saude publica.

Já agora não poderão, de certo, despeñar-se sobre nós em torrentes de soffrimento e de dôr com a violencia e impetuosidade d'outr'ora porque as nossas armas offensivas, microbicidas, attingiram um supremo grau de perfeição, e o melhoramento das condições geraes de salubridade, o bem estar social relativo, oppõem um poderoso dique á sua diffusão. Como n'outros tempos, a importação dos agentes morbigenos póde dar-se,

porém « *un incendie n'est pas proportionné à l'étincelle qui lui a donné naissance, mais à la combustibilité et à l'agglomération des matières qu'il rencontre* » (Fauvel). E' mesmo nossa opinião que, das doenças pestilenciaes exóticas, só a cholera ameaça confundir os povos civilizados em calamidades geraes como as passadas: a peste, se o seu *genio* epidemico não variar, continuará a exercer as suas iras nas populações famintas, immundas e miseraveis da Asia e da Africa e, embora atinja a Europa, não alastrará em grandes epidemias, salvo talvez em algumas regiões orientaes do continente; do typho americano, arreceiam-se quasi exclusivamente as cidades do littoral sul de Hespanha, pelo seu clima e intimas relações com o mais terrivel foco amarillogeneo.

Embora na actualidade as epidemias pestilenciaes exóticas não offereçam a gravidade d'outras epochas, quanto não é ainda assim grande e importante o problema da sua prophylaxia!

Mas, o objecto d'este estudo não tira a sua importancia sómente do cruel tributo de que se pagam aquellas doenças: o problema prophylactico das epidemias exóticas tem um alcance muito mais geral, pois consubstancia as grandes questões da hygiene publica e,

mais vasto ainda, interessa á economia das nações e affecta as liberdades individuaes.

Em tempos não muito remotos, a ignorancia, a barbaria e o terror inspirado pela praga levantina provocarãr medidas de defesa tão incongruentes, ferinas e tumultuarias que, no dizer dos proprios hygienistas conservadores, os seus terriveis effeitos levaram a palma aos do *monstro* do Oriente. Com a cholera e a febre amarella, por motivos obvios dependentes da epocha e da extensão das epidemias, os excessos foram menos crueis mas ainda assim de funestas consequencias.

Nos seculos passados, pois, as epidemias exóticas constituíam um duplo perigo para a saude publica, porque os processos com que se tentava prevenil-as ainda mais aggravavam as suas devastações. Acontecerá hoje outro tanto? A resposta resaltarãr certamente da critica imparcial do regimen sanitario vigente, esboçada na segunda parte d'este estudo; entretanto, diremos desde já que, guardadas as devidas proporções, as circumstancias não mudaram completamente. Diminuiu o perigo das epidemias exóticas, pelos motivos já apontados; tambem desapareceram alguns dos antigos processos prophylacticos mas, os que vigoram hoje no littoral do continente europeu, inspirados n'um principio seme-

lhante, constituem um poderoso estorvo ás legitimas aspirações da hygiene publica moderna.

Por qualquer face que se encare o problema prophylactico das epidemias exoticas (e não lhe delineámos sequer os traços primordiaes) sempre a sua importancia se nos impõe como grande entre os de maior valia.

O interesse que desperta o assumpto tambem não desmerece da sua importancia: ao que emana directamente d'esta, ao que resulta da sua complexidade, associa-se o que lhe conferem recentes trabalhos da microbiologia e tantas outras circumstancias por egual dignas de consideração. D'entre ellas, apenas uma nos deterá um instante. Na approximação de cada epidemia pestilencial, sob a imminencia d'uma grande catastrophe, repetem-se nas academias e jornaes de medicina longas e calorosas discussões, surgem os alvitres e vaticinios, os mais timidos arriscam em publico as suas opiniões, a experiencia dos antigos nem sempre se harmoniza com a erudição dos novos, accumulam-se, n'uma palavra, preciosos materiaes de estudo a par d'outros, é claro, um pouco menos de inuteis. A brevidade d'este trabalho não nos permite, bem contra a nossa vontade, fazer referencias ás que têm sustentado, com muito talento e

brilho, alguns membros da classe medica do nosso paiz.

A oportunidade d'este estudo affirma-se sob multiplices aspectos.

Dos tres grandes flagellos pestilenciaes, o que mais dolorosas recordações nos legou, ha dois annos que inesperadamente se desenvolveu em Bombaim, causando verdadeiro alarme em toda a Europa. Ainda hoje a peste persiste na India ingleza, sem deixar entrever a esperanza de breve recolher aos seus primitivos focos endemicos: n'uma população faminta e miseravel, n'uma raça em que os habitos de immundicia são inveterados, em cidades e quarteirões tão insalubres que, segundo a expressão de Sir Makensie, *um porco normalmente constituido não poderia alli viver*, que admira que a peste lance profundas raizes?

Emquanto á cholera, a ameaça póde dizer-se permanente. Estão guardados, é certo, os dois principaes pontos estrategicos do seu caminho maritimo para a Europa; mas, as estações sanitarias do mar Vermelho e golfo Persico, os Conselhos de saude de Alexandria e Constantinopla, offerecerão seguras garantias de uma resistencia inflexivel á passagem do inimigo? Factos ainda recentes respondem infelizmente pela terminante negativa.

Por outra parte, a grande expansibilidade da Russia para o Oriente, approximando-se com extraordinaria rapidez das *zonas perigosas*, as novas linhas ferreas que visam o Indostão, tornam de cada vez mais provavel a importação da cholera por via terrestre. D'este lado, talvez o mais terrivel, a Europa encontra-se completamente desprotegida. E, como protegê-la efficazmente em regiões onde a acção administrativa é quasi impossivel, a hygiene desconhecida e se a cholera, devido aos caminhos de ferro, póde em poucos dias avançar centenas de leguas?

Sob outros pontos de vista, que não pretendemos desenvolver nem mesmo enumerar, não julgâmos este estudo menos opportuno.

Desde 1892 até hoje realizaram-se quatro conferencias sanitarias internacionaes, seguidas de convenções diplomaticas, por muitos titulos de capital importancia; a ultima especialmente, contra a expectativa geral, veio marcar o primeiro esboço d'uma nova orientação sanitaria para o continente europeu.

As descobertas ainda recentes de Kitasato e Yersin, referentes ao bacillo da peste, os promettedores trabalhos de Sanarelli sobre o agente icteroiide, as innumeradas investigações microbiologicas dos ultimos annos sobre a cholera-morbus, o aperfeiçoamento sempre

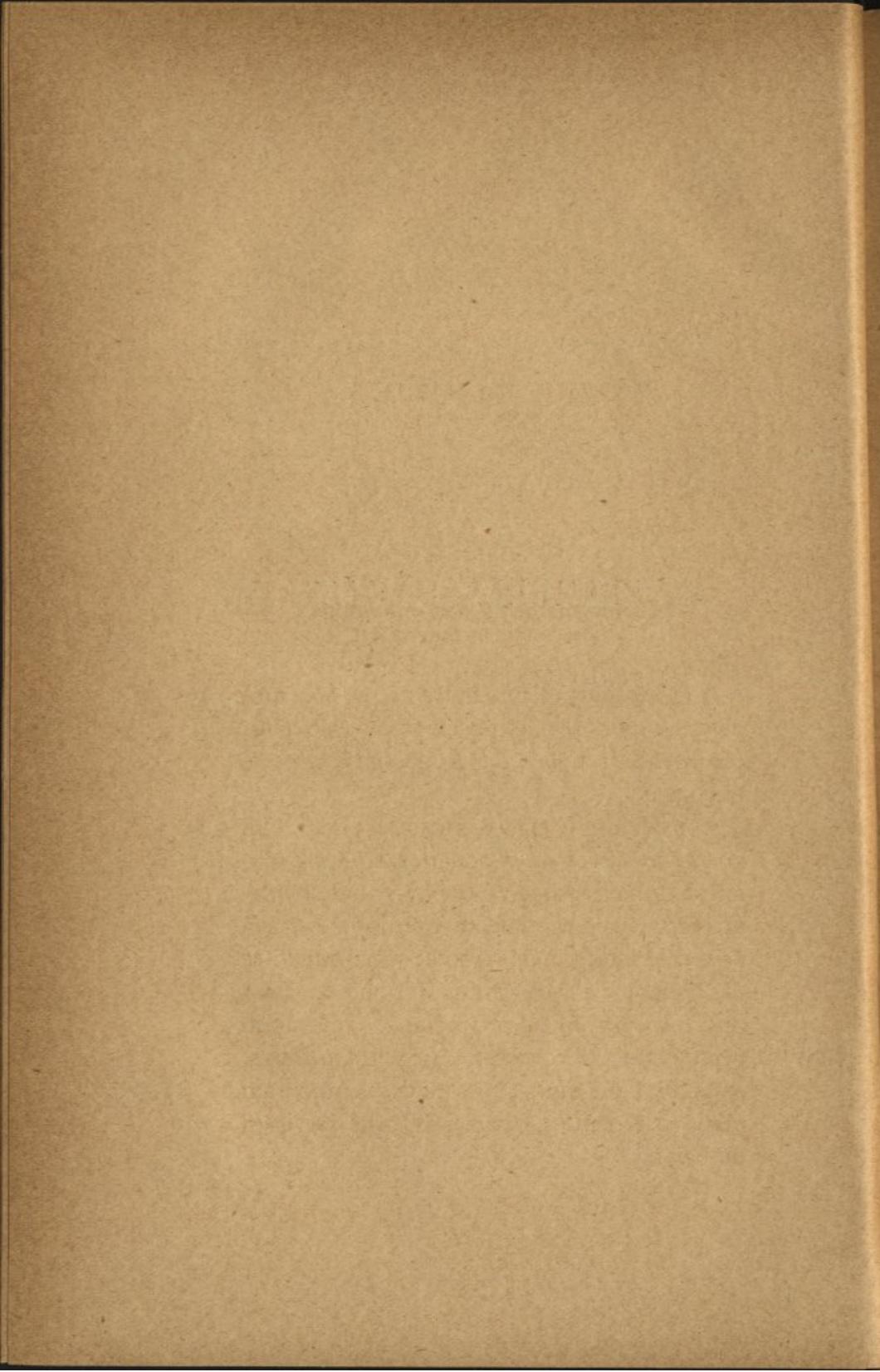
crescente dos processos de desinfecção, etc., esclarecem e ao mesmo tempo modificam notavelmente o problema da prophylaxia dos morbos pestilenciaes exóticos.

Emfim, a ultima pandemia de cholera mais uma vez deu testemunho tão eloquente da superioridade e segura efficacia da defesa sanitaria da Inglaterra que abalou profundamente a opinião de muitos partidarios das antigas medidas restrictivas.

Assim, pois, a importancia, interesse e oportunidade do assumpto justificam de sobejo a preferencia que lhe demos para objecto d'este trabalho.

N'este volume, occupâmo-nos apenas das medidas de prophylaxia applicaveis na Europa, precedendo-as d'um resumo historico das epidemias de peste, febre amarellà e cholera-morbus, d'algumas noções geraes sobre a etiologia d'estas doenças e d'um ligeiro esboço historico da sua prophylaxia; em volume subseqüente deveremos estudar as medidas prophylacticas applicaveis fóra da Europa.

PRIMEIRA PARTE



PRIMEIRA PARTE

I

Resumo historico das epidemias de peste bubonica

Na historia epidemiologica não se encontra de certo ponto mais obscuro, questão mais controvertida que a da antiguidade da peste bubonica.

Peste na
antiguidade.

Consideram-a alguns auctores como uma doença relativamente moderna, tendo-se manifestado pela primeira vez na grande epidemia do seculo vi; julgam outros que a sua origem é muito mais remota, soccorrendo-se das referencias de Rufus d'Epheso. Para uns, os seus focos d'irradiação affectaram primitivamente o Egypto, a Syria e a Libya, emquanto que muitos historiadores procuram mais ao Oriente os paizes que lhe serviram de berço.

E' fóra de duvida que os auctores antigos fallam com frequencia de «*pestes*» mas, sob esta designação, comprehendem elles todas as doenças excessivamente mortíferas. A confusão resultante d'esta terminologia commum a doenças radicalmente diversas não póde hoje corrigir-se por identificação diagnostica: a nosographia dos antigos carece tanto de rigor, é tão vago o sentido das suas expressões, que da interpretação dos textos surgem as opiniões mais desencontradas. Para cumulo de difficuldades, os pathologistas modernos porfiam em filiar, quasi systematicamente, a historia de qualquer doença de que se occupam em especial, n'essas vagas referencias da antiguidade.

Peste de
Moysés.

A mais antiga relação d'uma doença pestilencial no Egypto foi-nos deixada por Moysés (1); mas, ainda que as palavras do auctor sagrado não definam sufficientemente a molestia, excluem todavia a hypothese da peste bubonica. Tratava-se d'uma erupção de pe-

(1) *Exodo*, cap. ix, vers. 9 e 10. O Senhor diz: *Fiat pulvis super omnem terram Egypti; et erunt super homines et quadrupeda, ulcera, vesicæ effervescentes... Et facta sunt ulcera, vesicæ effervescentes... Et in hominibus et in quadrupedis facta sunt ulcera in veneficis et omni terra Egypti*. A doença foi precedida e preparada por quatro pragas com que Deus tinha já castigado o Egypto e que se acham descriptas no cap. vii, vers. 17 e seg., cap. viii, vers. 5 e seg., 16 e seg., 21 e seg.

quenas feridas ou pustulas com phlyctenas, d'uma doença exanthematica grave, analoga verosimilmente á variola (Krause) e talvez semelhante á peste de Thucydides (Daremborg) (1).

A celebre peste d'Athenas, que Thucydides descreveu com as côres mais vivas e emocionantes, não parece corresponder á peste bubonica: o auctor não falla de bubões; o exanthema de pequenas feridas e phlyctenas, por ser generalizado, não se assemelha, nem de longe, aos carbunculos pestilenciaes; emfim, nenhum dos symptomas descriptos e dos caracteres assignados á epidemia é pathognomónico da praga levantina (2).

Chegamos ao precioso texto de Rufus, conservado por Oribasius, medico do imperador Justiniano, e descoberto em Roma (1831) pelo cardeal Angelo Mai (3). Admit-

Peste de Thucydides.

Epidemias de peste, segundo Rufus d'Epheso.

(1) Daremborg. — *Note sur l'antiquité et l'endémicité de la peste en Orient, et particulièrement en Égypte.*

(2) A peste de Thucydides tem sido identificada com a *escarlatina* ou *sarampo* (Malfatti), a *febre amarella* (Webster e Smith), *um typho petechial* (Wawruch e Ochs), a *variola* (Krause), a *peste oriental* (Schoenke e Osann), *uma peste que não havia chegado ainda ao seu completo desenvolvimento* (Hæser), *uma doença actualmente extincta* (Hecker), a *variola complicada de typho* (Daremborg), etc.

(3) Orib. — *Coll. med.*, § viii, ed. do card. Ang. Mai. Eis o texto de Rufus (trad. de Littre):

«Les bubons appelés pestilentiels sont tous mortels, et ont une marche très aiguë, surtout ceux qu'on observe en

tindo a authenticidade do escripto, não podem surgir duvidas sobre a especie morbida alli

Libye, en Égypte et en Syrie; Denys-le-Tortu en fait mention; Discoride et Pasidonius en ont parlé longuement dans leur traité sur la peste qui a régné de leur temps en Libye. Ces auteurs racontent que cette épidémie fut caractérisée par les symptômes suivans: fièvre violente, douleurs, perturbation de tout le corps, délire vertigineux, éruption de bubons larges, durs, n'arrivant pas à suppuration, et se développant non seulement dans les lieux accoutumés, mais aux jambes et aux bras, bien qu'on n'observe pas ordinairement dans ces endroits de semblables phlegmons».

«Ces bubons, se développent quelquefois sur les régions génitales, de même que les charbons pestilentiels; alors la fièvre appelée pestilentielle survient. Mais cette affection est le plus souvent épidémique; commune à toutes les constitutions, à tous les âges, elle sévit particulièrement dans certains temps de l'année. Il importe de savoir cela; car si on peut traiter légèrement les bubons ordinaires comme ne présentant aucun danger, on doit soigner avec la plus grande attention les bubons pestilentiels».

.....

.....

«On appelle charbon pestilentiel, celui qui est accompagné d'une grande phlegmasie, de douleur aiguë et de délire; chez un certain nombre de ceux qui en sont affectés, il survient aussi des bubons durs et douloureux, et les malades meurent bientôt de ces charbons: cela arrive surtout chez ceux qui habitent près des marais. Peut-être, la maladie à bubon d'Hippocrate est la même maladie que celle dont il vient d'être question» (a).

(a) No II, III e IV livro das *Epidemias* e nos *Aphorismos* d'Hippocrates falla-se realmente de *febres de bubões, carbunculos, tumores inguinaes, etc*, mas d'uma maneira tão vaga que não pôde deprehender-se que alli se alluda à peste bubonica; entretanto, como o medico d'Epheso viveu n'uma epocha muito mais approximada d'Hippocrates e era profundamente versado nos seus escriptos, a sua opinião é das mais auctorizadas.

mencionada: é bem á peste bubonica, tal como a conhecemos de nossos dias, que Rufus se refere.

Mas, como fixar a epocha da ou das epidemias apontadas pelo medico d'Epheso? Rufus não as observou: menciona-as sob o testemunho de tres medicos, dos quaes o mais antigo, *Diniz-o-Torto* ou de *Cyrta*, é citado apenas por Hermippe de Smyrna, auctor do seculo III a. de J.-C.; portanto, podemos asseverar que *pelo menos* dois a tres seculos a. de J.-C., a peste reinara epidemicamente no Egypto, na Syria ou na Libya.

Antes de descoberto o texto de Rufus, Pariset tinha sustentado (1), com eloquencia e brilho inexcediveis, uma theoria etiologica da peste que obrigava a signalar á doença uma origem mais recente. Alguns annos mais tarde, na memoravel discussão ácerca do relatorio de Prus (2), Pariset levantava de novo a voz (3) para defender com não menor vigor, erudição e eloquencia a sua theoria, impugnando a authenticidade e o valor do

Pariset e
a peste no
Egypto.

(1) Pariset. — *Mémoire sur les causes de la peste. Acad. de méd.*, 1831.

(2) Prus. — *Rapport à l'Acad. de méd. sur la peste et les quarantaines.* Paris, 1846.

(3) Pariset. — *Acad. de méd.*, 1846.

texto de Rufus e as deducções que d'elle se haviam tirado.

Por demasiado extensa, não poderíamos referir aqui, sem contrariar o caracter e os fins d'este resumo, a notavel impugnação de Pariset; e, reconhecendo que a theoria do illustre secretario perpetuo da *Acad. de méd.* merece maior attenção do que geralmente lhe dedicam os auctores, reputamos todavia exacta, nos seus pontos essenciaes, a seguinte conclusão de Daremberg:

«On le voit, il n'y a plus d'objections possibles: si les traces de sa première origine, de sa première apparition, sont perdues, la peste n'en est pas moins une maladie ancienne et très anciennement connue. Son développement en Égypte ne saurait donc tenir à des circonstances toutes modernes, comme l'a si éloquemment, si ingénieusement soutenu l'un des plus élégants orateurs de notre époque, qui sait revêtir tous les sujets qu'il traite des couleurs les plus brillantes, et faire passer à la postérité, par le charme de son style, des faits et des noms qui, sans lui, auraient à peine compté quelques jours d'existence» (1).

A peste
originaria do
Oriente.

Admittindo que a peste reinou desde os tempos mais remotos no Egypto, na Syria e

(1) Daremberg, *loc. cit.*

na Libya, alguns auctores julgam provavel que a doença fosse importada do Oriente, onde localizam os seus primitivos focos endemicos. Esta opinião não tem a appoial-a, nem a contrarial-a, documentos historicos de valor; a sua discussão tornar-se-ia, pois, esteril.

Além das epidemias que deixamos mencionadas, na historia antiga encontram-se referencias a outras «*pestes*», anteriores á era de Christo, mas nada prova que ellas correspondam realmente á peste bubonica (1). Até ao seculo vi ha noticia d'outras epidemias de peste que, por mal definidas, nos abstemos egualmente de especificar.

Duas grandes epidemias, tão mortíferas, extensas e duradouras como nunca mais a humanidade vira, fixam os limites da idade media na historia epidemiologica. No seculo vi, a peste chamada de Justiniano alastrou por todo o mundo, fazendo milhões de victimas; passados oito seculos, uma epidemia não menos terrivel — a peste negra — espalhou por toda a parte o lucto, o terror e a miseria.

Peste na
idade media.

(1) Vid. E. Rossi.—*Tableau général établi par ordre de temps et de lieux des épidémies de peste qui ont affligé le monde durant une période de trente et un siècles*, etc. Cairo, 1845 (Trad. franc.).

Peste de
Justiniano.

Partindo de Peluza em 541, a peste de Justiniano ganhou Alexandria, invadiu o norte d'Africa, a Palestina e a Syria, cruzou o Mediterraneo em multiplas direcções, e do littoral europeu irradiou para o interior, continuando a assolar o continente até proxima-mente ao fim do seculo vi. E' assombroso o numero de mortes que se attribuem a esta epidemia: elevar-se-ia a cem milhões (Gibbon) ou ainda a mais (Procopio)!

Do seculo vi ao seculo xiv citam-se numerosas epidemias de «*peste*», limitadas a uma ou outra região, ignorando-se porém completamente a sua origem, modo d'invasão, marcha, etc.

Origem da
peste negra.

No meiado do seculo xiv, em 1346, a peste negra iniciou na Europa as suas excursões. Os historiadores coevos apontavam a Crimêa e a região do Dão ao Volga e do Euxino ao Caspio como os focos originarios da doença; mas, no povo, além d'outras versões, corria o rumor de que a peste procedia da China e alli fôra gerada na putrefacção de milhões de cadaveres insepultos. Em 1757, Des Guignes encontrou n'um manuscripto arabe, do historiador Aboel Mahasin, a antiga tradição de que a peste negra nascera na Tartaria, propagara-se depois aos tartaros de Kaptchac e, d'este foco secundario, invadira a Europa

por Constantinopla e, seguindo outra direcção, ganhara successivamente a Asia Menor, a Syria, o Egypto e o norte d'Africa. No mesmo manuscripto lia-se que grandes inundações haviam causado na China a morte d'homens e animaes, d'onde resultara a putrefacção geradora da peste; ora, Des Guignes e outros auctores verificaram que desde 1300 a 1347 os «Annaes chinezes» mencionam realmente uma serie de grandes calamidades — inundações, estiagens, fomes, tremores de terra, etc. — que fizeram milhões de victimas mas, no mesmo periodo, não se encontra a mais ligeira referencia a qualquer epidemia de peste.

A favor da procedencia oriental da peste negra militavam, como se vê, razões de some-nos importancia quando Henschel descobriu (1842) em Breslau um manuscripto latino, de grande valor provativo, pelo seu auctor, Gabriel de Mussis, ter presenciado a marcha da epidemia, descrevendo os acontecimentos com inteira imparcialidade pois que não emite, adopta, nem mesmo se refere a qualquer theoria sobre a origem da doença.

Os negociantes italianos, especialmente de Veneza e Genova, que faziam o commercio da China, mandavam grande numero de empregados para os mercados situados no

termo do caminho das caravanas. Mussis era um d'estes e encontrava-se com os seus companheiros nas costas do Euxino e do Caspio quando as hordas de tartaros os obrigaram a refugiar-se em Tana, nas margens do Dão. Expulsos de Tana, foram acolher-se ao pequeno forte de Caffa, na Crimêa, havia pouco construido pelos commerciantes genovezes, e alli sustentaram um cerco de tres annos, soffrendo mil privações, mal podendo mover-se no apertado recinto e faltando-lhes até o ar para respirarem. Segundo Mussis, a peste declarou-se primeiro entre os barbaros, matando milhares d'elles; depois, os tartaros, por meio dos seus engenhos de guerra, arremessaram para dentro do forte os cadaveres dos empestados, e assim communicaram a doença aos sitiados. O panico apoderou-se emfim dos tartaros que, n'uma debandada geral, dispersaram o flagello pelo littoral do Mar Negro, do Caspio e na direcção do Levante. Os italianos embarcaram então de Caffa n'um navio que aproou a Genova; durante a viagem não se manifestou um unico caso de peste nem a bordo havia doentes suspeitos e, não obstante, um ou dois dias depois da chegada, a doença irrompeu na cidade com uma violencia terrivel.

Em summa, a narração de Mussis mostra que

a) o primeiro foco epidemico, affirmado por testemunho presencial, foi Caffa, isto é, uma localidade proxima do *terminus* da grande via norte de commercio com a China, que de Sarai seguia pelo deserto de Gobi e se internava na Grande Muralha; d'onde é de presumir que a peste negra, á semelhança das grandes epidemias de peste, cholera e febre amarella, que norteiam a sua marcha pelos caminhos trilhados pelo homem, seguisse aquella via, tanto mais que

b) a força d'expansão da peste negra, que nenhuma outra epidemia de peste egualou, e a severidade com que dizimou os tartaros, indicam verosimilmente que a doença, quer se manifestasse primeiro no acampamento dos sitiantes, quer dentro dos muros de Caffa, fôra d'importação recente;

c) a peste negra foi importada em Genova pelo navio que conduziu os refugiados de Caffa, embora não existisse a bordo doença suspeita.

A procedencia oriental da *morte negra* ainda é corroborada pelo arabe Ibn-Batoutah, o « Viajante », que desde 1342 até 1346 percorrerá a China, voltando á Europa pelo golfo Persico, Damasco, Aleppo, Cairo, Tanger e

chegara a Granada em 1350; ora, pouco depois, quando a peste invadiu esta cidade, Ibn-Batoutah, homem muito illustrado, sustentava a theoria de que a *peste nascia na China*, da corrupção de cadaveres insepultos.

Irradiou a peste negra por toda a Europa e, n'um periodo proximamente de oito annos (1346-1353), calcula-se que fizesse 24 milhões de victimas; na Asia e na Africa o tributo epidemico, foi de certo ainda mais pesado.

Peste negra em Portugal (1348).

Em Portugal a epidemia entrou em 1348. «Chamavam-lhe dôr de levadigas, matava muitos, contagiava quasi todos. Onde apparecia, ahi durava tres mezes. . . Ignora-se o tempo que aturou no reino, sabe-se porém que em 1350 existia ainda em Hespanha e Italia» (1).

A peste negra endemica na Europa.

A memoravel pandemia que de 1346 a 1353 despovoou a Europa e uma grande parte da Asia e da Africa, lançou raizes em muitos logares, onde se crearam outros tantos focos endemicos.

Perpetuara-se a doença n'estes focos sob uma fórma latente, revelando-se apenas por um ou outro ataque isolado; de tempos a tempos, porém, exaltava-se a virulencia dos germens, o incendio ateiava-se e a peste negra

(1) A. C. Vieira de Meirelles.—*Memorias de Epidemiologia portugueza*. Coimbra, 1866.

alastrava pelos paizes limitrophes. Até ao fim do seculo xiv repetiram-se centenas de vezes estas explosões epidemicas parciaes: só na Inglaterra, unica nação em que a historia epidemiologica da epocha está regularmente compilada (1), contaram-se quatro *pestes* principaes, designadas pelos chronistas por *pestis secunda*, *tertia*, *quarta* e *quinta*. A *pestis secunda* (1361) atacou principalmente as creanças nascidas depois da pandemia de 1348, o que lhe valeu o nome de *pestis puerorum*; na *pestis tertia* (1362), coube a vez do sacrificio aos nobres que, nas anteriores, conseguiram salvar-se pela fuga; etc.

Peste negra na Inglaterra.

As sementes deixadas pela pandemia da morte negra não germinaram sómente durante o seculo xiv: nos seculos seguintes as erupções epidemicas da mesma origem succederam-se com notavel frequencia. Para synthetizar n'um facto esta permanencia dos germens pestilenciaes consignemos, por exemplo, as suas manifestações no convento de Canterbury (Inglaterra), desde 1386 até 1517. N'este periodo, tomando *ao acaso* 100 nomes inscriptos no obituario do convento, encontram-se: mortes de pestilencia, 33; de phthisica, 10;

Permanencia da peste negra.

(1) Ch. Creighton.—*A history of epidemics in Britain*. 2 vol. Cambridge, 1894.

de doenças chronicas, 29; ora, n'aquelle registo, *pestilencia* significa principal ou exclusivamente *peste negra* e, portanto, uma terça parte dos obitos foram causados por esta doença. Note-se ainda que na pandemia da peste negra de 1346-53 o referido convento foi dos mais poupados: de cerca de oitenta frades apenas perdeu quatro.

A peste no
seculo xv.

O seculo xv não foi, para a Europa, dos menos fertes em epidemias de peste. Dos focos endemicos e de revivescencia e, provavelmente, importada tambem da Asia e da Africa, a peste assolou quasi todos os paizes da Europa, mas em epochas differentes. Portugal recebeu a sua visita em fins de 1414 ou principios de 1415. « Propagou-se logo o andaço, e por tal modo se embraveceu em Lisboa, que el-rei houve de passar-se com toda a côrte a Sacavem, . . . » (1). D. João I deu-se pressa em retirar para Odivellas, emquanto que a rainha, por um pouco que se demorara em oração na igreja de Sacavem, contrahiou um carbunculo mortal.

Peste de
1414 em Por-
tugal.

« Foi a peste importada em Portugal pelos navios estrangeiros, que vieram em soccorro da expedição de Ceuta. Assim o refere o citado

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc. cit.*

historiador (G. E. d'Azurara), que ainda pôde conversar muitos homens d'aquelle tempo. E' positiva a asseveração de Gomez Eannes d'Azurara: *foy, segundo deziam, por aço dos nauios, que vieram de muytas partes, e em algũs d'elles auia pestilença* » (1).

No seculo xvi, «les épidémies de peste, grandes et généralisées ou petites et plus ou moins limitées, formèrent des chaînes ininterrompues de calamités qui couvrirent l'Europe et l'Asie antérieure d'un véritable réseau de maladie et de mort» (2). Para esta funebre *réde* tambem Portugal contribuiu com algumas negras *malhas*. No principio de 1569 occorreram em Lisboa os primeiros casos suspeitos e, depois d'alguma hesitação, firmou-se o diagnostico de peste bubonica. A *peste grande* (como lhe chamaram os chronicistas) foi augmentando d'intensidade, attingindo o maximo de violencia na quadra do verão. Despovoou-se a capital devido aos que morreram (cerca de 60:000 habitantes) e aos muitos que fugiram e, como estes «levavam já o mal comsigo, nos logares de ar puro e sadio fazia effeitos de polvora que faz

A peste no
seculo xvi.

A *peste*
grande em
Portugal
(1569).

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc.cit.*

(2) Mahé.—*Diction. encyclop. des scienc. méd.*, art. Peste.

mais força onde acha maior resistencia » (Fr. Luiz de Souza). Propagou-se a doença pelo paiz: Cintra, Torres Vedras, Santarem, Coimbra, etc., pagaram cruel tributo á epidemia; e, nos fins do anno, os germens da peste passaram além Douro indo ferir as cidades de Vianna e Braga. Foi n'esta epidemia que a doce figura de D. Frey Bartholomeu dos Martyres mais uma vez sobresahiu por suas virtudes: « visitava o Arcebispo todos, e cada dia, tomãdo informação dos medicos do estado de cada hũ, e do q̃. cõvinha pera terẽ saude, e dos officiaes se faltava algũa cousa » (Fr. Luiz de Souza). O caridoso prelado, convidado por D. Sebastião para se retirar da cidade e acompanhal-o na fuga, pedia a el-rei licença para continuar no seu posto d'honra, appellando para Deus e para a sua consciencia.

« A origem peregrina da epidemia firma-se n'uma crença de seculos. D'ella escreveu já Fr. Luiz de Souza: *dava-se a razão deste mal entre os que medem todas as cousas aos palmos humanos, q̃ nos viera de Veneza envolto em mercadorias.* A historia esclarece a asserção do chronista dominico. Grassava n'estes tempos a peste por toda a Italia, com excepção de Turim, e a dominadora do Adriatico debatia-se ainda nos horrores da fome. E bem

póde crer-se que fôra trazida a Lisboa pelos navios venezianos, que não raro ancoravam no seu porto, e pegada em terra pela equipagem, ou carregação dos mesmos; sendo que de Constantinopla, ou Alexandria, onde então faziam grande commercio, a importassem para Italia as galés da republica » (1).

Ainda não haviam decorrido dez annos depois da *peste grande* quando nova epidemia se desenvolveu em Lisboa e mais tarde n'outras cidades do paiz. Os primeiros casos declararam-se em Lisboa no estio de 1579, anno de fome em Portugal. Em 1580 a doença invadiu Coimbra e Aveiro e, em 1581, entrou no Porto. Só na capital, calcula-se que morreram de peste cerca de 40:000 pessoas.

Peste de
1579 em Por-
tugal.

A origem d'esta epidemia é obscura. Tratar-se-ia d'uma revivescencia da *peste grande* ou d'uma epidemia d'importação? Parece mais provavel que a peste fosse importada, não só pelo tempo decorrido desde a ultima epidemia, como por então a doença reinar em algumas nações da Europa, no norte d'Africa e, especialmente, em Ceuta; « e não é mister invocar outras causas mais, que o trato e intimas relações d'esta praça, então do senhorio portuguez, com o reino, para

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc. cit.*

explicar cabalmente a sua importação. Ajudam ainda esta crença o largo e frequente commercio, que havia entre o nosso paiz e algumas d'aquellas nações » (1).

A peste
pequena em
Portugal
(1598).

Em Portugal, a terceira epidemia de peste d'este seculo, declarou-se primeiro em Lisboa, em outubro de 1598. N'este e no anno seguinte a *peste pequena* alastrou por todo o paiz. Extincta ou quasi extincta na capital, em principios de setembro de 1599, o senado ordenou logo uma *grande procissão* de graças em dia de Nossa Senhora; houve *sermão*, *ajuntamentos*, o enfermeiro-mór da casa de saude foi levado em triumpho e o povo accorreu alegre a presenciar os festejos.

Pouco tempo depois a epidemia recrudesceu, o maior peso da tormenta desabou sobre os *arrabaldes*, a casa de saude reabriu-se e os empestados continuaram a frequental-a até 1602.

A peste fôra importada: « Assim o affirma um douto e consciencioso escriptor, o academico Francisco Leitão Ferreira, dizendo « *começou por cauza de hum navio estrangeiro, que a trouxe* » e confirmam motivos de muita valia » (2).

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc. cit.*

(2) A. C. Vieira de Meirelles, *loc. cit.*

No seculo xvii esboça-se e já para o fim se firma a tendencia para o desaparecimento dos principaes focos endemo-epidemicos da peste na Europa. O *monstro* do Oriente, que havia tres seculos invadira a Europa, caminhando para o Occidente, enceta agora a sua vagarosa marcha de regresso para a Asia. «Dans le premier tiers (do seculo xvii) elle ravagea surtout le midi de l'Europe, notamment la France méridionale et l'Italie; dans le tiers moyen elle sévit principalement en Orient, dans l'Europe centrale, et autour de la Méditerranée, et dans le dernier elle semble frapper surtout le nord-ouest de notre continent» (1).

A peste no
seculo xvii.

Uma das grandes epidemias d'este seculo, notavel pelo numero das suas victimas e pelas admiraveis descripções que d'ella nos deixaram Sydenham, Hodges e outros observadores illustres, foi a de Londres, em 1665. Desde a pandemia da peste negra (meiado do seculo xiv), a doença tornara-se endemica em Londres, registando-se alguns casos isolados no inverno e, quasi todos os annos, na quadra do calor, pequenas manifestações epidemicas. Em intervallos maiores e devido

Epidemia
de Londres
em 1665.

(1) Mahé, *loc. cit.*

a circumstancias indeterminadas, desenvolviam-se epidemias mais extensas e os fios do contagio, conduzidos pelos fugitivos, ligavam o incendio a toda a Gran-Bretanha. No seculo xvii Londres contava já tres d'estas grandes epidemias (1603, 1625 e 1636) quando em 1665 se desenvolveu a maior de todas e tambem a ultima que assolou aquella cidade.

O modo como se originou esta epidemia não ficou bem averiguado. Do Oriente, a peste foi levada á Hollanda, em 1655, por um navio mercante e, dez annos depois, ainda alli reinava. Em 1664, na ultima semana de dezembro, a peste manifestou-se n'um individuo que habitava uma casa perto de Long Acre (Londres); ora, n'essa casa, tinha-se recebido um fardo com seda, procedente da Hollanda, mas originario do Levante. A epidemia de 1665 seria assim importada da Hollanda? E' o que muitos contestam e, talvez, com razão.

O obituario de Londres de 1662, 1663 e 1664 accusa respectivamente 12, 9 e 5 mortes de peste; portanto a cidade não estava inteiramente livre de germens especificos quando explodiu a epidemia de 1665. O caso attribuido a importação deu-se na ultima semana de dezembro de 1864; ora, na carta de mortalidade de 1865 encontra-se o 1.º obito de peste sómente na 2.ª semana de fevereiro (inter-

vallo d'um mez), os 2 seguintes na 4.^a semana d'abril (intervallo ainda maior), principiando na 2.^a semana de maio a serie ininterrupta e sempre crescente de obitos de peste. Admittindo como exactas estas indicações da estatistica mortuaria, difficilmente poderemos reconhecer á epidemia de 1665 a origem que acima lhe signalamos.

Durante o seculo xvii houve em Portugal tres epidemias de peste.

Da primeira, limitada ao Algarve, falleceram cêrca de 40:000 pessoas. A doença entrou por Tavira em 1646 e «transportou-a um navio, que d'alli (Africa) veio n'esse anno, ou nos fins do precedente, e aportou á barra da cidade, carregado de courama» (1).

Peste de
1646 no Al-
garve.

A segunda epidemia percorreu a mesma provincia em 1649 e 1650. No fim de setembro de 1649, quando em Faro se julgava já extincta a peste, uma violenta tempestade obrigou a recolherem-se á cidade as pessoas que se haviam ausentado para os campos; logo depois notava-se uma violenta recrudescencia da epidemia. Em maio do anno seguinte, a cidade arvorou pela segunda vez a bandeira de saude mas, chegado o mez de junho, a epidemia recrudescceu.

Peste de
1649 no Al-
garve.

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc. cit.*

« Conduziu-a (a peste) uma setia vinda de Castella... Da existencia do contagio na Hespanha por estes tempos não ha que duvidar. Começou em fins de junho de 1647, n'uma povoação de 150 fogos, ás beiras de Valencia. Dava-se a origem d'este mal, entre os que lhe seguiram a causa, que viera de Argel, onde então havia peste, encoberto n'umas pelles » (1).

Peste de
1680 em Lis-
boa.

A terceira epidemia reinara em Lisboa nos principios de 1680; nada se conhece, porém, da sua origem, marcha, intensidade e duração.

A peste no
seculo xviii.

Durante o seculo xviii os focos endemicos da peste continuaram a deslocar-se para o Oriente. Nos primeiros vinte e cinco annos ainda a doença flagellou o centro da Europa e o sul da França mas depois encontramol-a quasi exclusivamente nos paizes ao sud'este do continente, mais vizinhos da Asia Menor, da Syria e do Egypto. Das regiões da Asia áquem d'uma linha *Caspio-Persica*, onde a peste existia em permanencia, partiram numerosas epidemias, que devastaram o norte d'Africa e irradiaram, n'outra direcção, para o sud'este da Europa.

Peste de
Marselha
(1720).

Das epidemias d'este seculo, a mais interessante pelos pormenores conhecidos, é sem

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc. cit.*

duvida a de Marselha. Vejamos como o bacillo de Kitasato-Yersin zombou da famosa Intendencia de Marselha.

Diz Chicoyneau :

. . . « Le capitaine Chataud partit de Seyde, en Syrie, en janvier 1720; la patente était nette, c'est-à-dire, qu'elle ne portait aucun soupçon de peste; mais peu de temps après son départ, cette maladie éclata à Seyde. Les vaisseaux qui suivirent celui du capitaine Chateau annocèrent la contagion, qui n'était pas sans doute à ses premiers progrès, lorsque ces vaisseaux partirent.

Origem da
p. de Marse-
lha segundo
Chicoyneau.

. . . « Le capitaine Chataud fut assailli pendant sa route par une forte tempête; il fut forcé de relâcher à Tripoli pour radouber son vaisseau. Durant le séjour qu'il y fit, il répara les petites pertes qu'il avait faites sur mer, il se chargea de nouvelles marchandises: peut être étaient-elles infectées, peut être venaient-elles de Seyde même, car dans ces pays la peste ne dérange point le commerce: la communication était libre entre Seyde et Tripoli. Ce n'est pas tout, on obligea Chataud à prendre quelques Turcs pour les porter en Chypre. Ces Turcs étaient chargés de hardes et de marchandises qui étaient infectées; en voici les preuves:

« A peine le *Grand-Saint-Antoine* fut-il sorti de Tripoli, qu'un Turc tomba malade

et mourut très-vite. On ne regarda pas sa maladie comme ordinaire, les accidents la rendirent suspecte ; deux matelots furent commandés pour jeter le cadavre à la mer ; à peine s'en furent-ils approchés que le pilote les rappela ; il chargea les Turcs de rendre à leur compatriote ce dernier devoir. Les cordages dont on se servit furent jetés à la mer avec le cadavre.

« Quelques jours après, les deux matelots tombèrent malades et leur mort fut aussi prompte que celle du Turc. Après ces fâcheux présages Chataud aborde à Chypre, y débarque les Turcs et repart sans s'y arrêter. Le même malheur suit son vaisseau : deux matelots et le chirurgien sont saisis du même mal : ils meurent en peu de jours. Ces morts subits alarmèrent Chataud ; il soupçonna sans doute que la peste avait enlevé ces cinq hommes, puisqu'il se retira à la poupe de son vaisseau. De cet asile, où il était séparé du reste de l'équipage, il donna ses ordres ; il fit jeter à la mer les cordages et les hardes qui avaient servi aux malades ; il ne sortit de sa retraite que pour relâcher à Livourne. Là trois de ses gens tombèrent malades, ils moururent du même mal que les autres. Le médecin et le chirurgien des infirmeries qui visitèrent les cadavres, attribuerent la mort à des *fièvres*

malignes pestilentielles; dans leur certificat ils n'acusent pas d'autre maladie.

« Enfin, le capitaine Chataud arrive à Marseille le vingt-cinquième mai; il déclare aux Intendants de la Santé qu'il a perdu sept hommes de son équipage; il présente le certificat du chirurgien qui avait reconnu dans les derniers morts une espèce de peste. Ce certificat s'est évanoui; on a soutenu hardiment qu'il n'avait jamais existé; les actes publics n'en font pas mention, ils lui sont même contraires; on n'y voit rien qui donne des soupçons de contagion; car, suivant le journal tiré des mémoires de la ville, il n'est arrivé dans le vaisseau que des accidents ordinaires; ce sont de mauvais aliments qui ont causé des fièvres dans l'équipage de Chataud. Mais on dit que ces fièvres ont été supposées par les Intendants de Santé; on a glissé, dit-on, un interligne dans les mémoires de Marseille; c'est dans cette interligne qu'il est parlé de ces fièvres et des aliments auxquels on les attribue ».

O Grand-Saint-Antoine chegou, pois, a Marselha em 25 de maio; os passageiros só desembarcaram na cidade em 14 de junho, enquanto que a tripulação seguiu para o lazareto e o navio foi enviado para a ilha de Jarre. Chicoyneau prosegue :

« Mais l'éloignement du vaisseau n'éloigna

pas les causes de l'épidémie : trois porte-faix s'alitent dans le Lazaret et meurent en deux jours ; ce fut alors que les bubons et les charbons ne permirent plus de méconnaître la nature du mal, et que les magistrats prirent enfin sérieusement l'éveil ; ils n'avaient envoyé le *Grand-Saint-Antoine* dans l'île de Jarre que parce qu'ils croyent apparemment que la contagion ne s'attachait qu'au bois ; mais les nouveaux accidentés les engagent à de nouvelles précautions ; les marchandises retenues au Lazaret leur deviennent suspectes ; ils les renvoient dans l'île de Jarre ; enfin, ils les font brûler avec le corps du vaisseau lui-même. *Mais pendant qu'on croyait détruire ainsi la source du mal, les matelots se livraient à la contrebande dans le Lazaret.* Personne n'ignore leurs fraudes dans de telles circonstances ; ils jettent par dessus les murs les effets dont ils se sont chargés durant le voyage ; leurs correspondants se rendent à des lieux marqués pendant la nuit, ils viennent recueillir ce que l'obscurité permet aux matelots d'écarter » (1).

Origem da
p. de Marse-
lha segundo
Bertrand.

Ouçamos agora a opinião de Bertrand que, infelizmente, não quiz dizer tudo quanto sabia sobre a importação da peste em Marselha.

« On attend peut-être de nous (diz Ber-

(1) Chicoyneau.— *Traité de la peste*. Paris, 1844.

trand) que nous déclarions si la contagion est venue des infirmeries et comment, par qui elle y a été apportée ; nous aimons mieux voir cette histoire défectueuse que de rendre qui que ce soit responsable de tant de malheurs et de faire tomber sur lui la haine et le ressentiment du public.

« Ce qu'il y a de bien certain c'est que la peste était bien véritablement dans le bord du capitaine Chataud, que ses marchandises l'ont porté dans les infirmeries, qu'un des premiers malades qui ont été vus en ville n'en était sorti que depuis quelques jours avec ses hardes, que les premières familles attaquées ont été celles de quelques tailleurs, ou tailleuses, d'un fripier, gens qui achètent toute espèce de hardes, celle du nommé Pierre Cadenel, vers les Grands-Carmes, fameux contrebandeur et reconnue pour tel, et d'autres contrebandeurs qui demeureraient dans la rue de l'Escale et aux environs ; que le faubourg qui est joignant les infirmeries a été attaqué en même temps que la rue de l'Escale, et qu'enfin il y avait alors de nouvelles défenses d'entrer les indiennes et les autres étoffes du Levant. Nous laissons à chacun la liberté de faire les réflexions qui suivent naturellement de ces faits » (1).

(1) Bertrand. — *Relation historique de tout ce qui c'est passé à Marseille pendant la dernière peste.* Cologne, 1723.

Origem da
p. de Marse-
lha segundo
Bertulus.

Transcrevamos, emfim, as palavras d'um dos mais ardentes defensores da Intendencia sanitaria de Marselha. Escreve Bertulus:

« L'importation de 1720, par le capitaine Chataud, eut des résultats terribles, et l'Intendance sanitaire qui, depuis 72 ans, n'avait cessé d'arrêter la peste à nos portes, ne put, dans cette circonstance, sauver Marseille, parce qu'elle fut trompée. Le capitaine Chataud arriva en effet dans notre port sous patente nette et ayant perdu, pendant la traversée de Seyde à Marseille, trois hommes dont la maladie n'avait pas offert à ce qu'il paraît les symptômes caractéristiques de la peste. Je trouve la preuve irréfragable de ce fait et de l'irresponsabilité de l'Intendance dans la déclaration même du capitaine Chataud, dont a hérité un de nos savants bibliophiles, M. Crozet d'Alayer, qui a bien voulu me donner copie de cette pièce extraite des registres de l'Intendance. Je la transcris ici en lui conservant son orthographe.

« Du 25 may 1720.

« Monsieur Tiran, intendant semanier, a interrogé Jean-Baptiste Chataud, capitaine « du vaisseau le *Grand-Saint-Antoine*, venant

« de Seyde, en manquant depuis le 30 janvier,
« chargé de diverses marchandises pour plu-
« sieurs, il a touché à Tripoly, en est parti le
« 3^e avril et de Chipres le 18; il a relaché à
« Liourne, d'où il manque depuis le 19 du
« courant, y ayant laissé le capitaine Buech,
« il a 8 passagers, le capitaine Carré disgra-
« cié, un Arménien et son valet et autres pour
« les infirmeries. — Il faut 4 portefaix, la
« voile à M. Laurens. *Il faut 1 gard, les gens*
« *de son équipage qui leur sont morts tant en*
« *route qu'à Liourne sont morts de mauvais*
« *aliments.* »

« Ainsi, il est bien certain que la déposition
du capitaine Chataud, la nature de la patente
n'autorisaient pas l'Intendance à le retenir
longtemps au Lazaret, et que cette Adminis-
tration, en le faisant, acheva de mettre au
grand jour sa vigilance » (1).

Estas transcripções dispensam commenta-
rios. O modo d'invasão da epidemia fica alli
claramente definido. A Intendencia sanitaria
foi enganada? foi corrompida? E' isto o que
menos importa saber porque, em qualquer
das hypotheses, a conclusão geral é sempre

(1) E. Bertulus.—*Marseille et son Intendance sanitaire.*
Paris, 1864.

a mesma: o systema quarentenario revelou-se deficiente. Podia a Intendencia metter a ferros no lazareto os passageiros, a tripulação, as preciosas mercadorias, as roupas dos doentes e até o proprio *Grand-Saint-Antoine* que, nas circumstancias mencionadas por Bertrand e Chicoyneau, a infecção explodiria necessariamente nas ruas de Marselha.

Peste de
Moscow
(1770).

A peste de Moscow (1770-71), estudada por Mertens e Orrœus, originou-se n'uma batalha contra os turcos. Um regimento russo desbaratou, perto de Galatz, um corpo d'exercito turco, sendo os prisioneiros distribuidos pelos habitantes da cidade. Dias depois registavam-se alguns obitos de peste e, não obstante, o regimento russo regressou a Jassi e os doentes deram alli entrada no hospital militar, sem se tomarem as precauções adequadas. Como em Marselha, a peste não foi a principio diagnosticada. A epidemia ganhou depois Kiew, Moscow, etc., invadiu as provincias do sul e oeste, fazendo 80:000 victimas.

A peste no
seculo XIX.

No seculo XIX extinguiram-se completamente na Europa os focos endemo-epidemicos da peste. A Turquia, o seu ultimo reducto, viu-se livre do flagello em 1841; logo depois,

em 1845, tambem o Egypto expulsava o *monstro do Oriente*. Nas epidemias do Egypto, de 1832 a 1845, foi a peste admiravelmente estudada por numerosos medicos que, desprezando praticas seculares, tão crueis como ridiculas, expozeram-se a todos os perigos, levando alguns a sua abnegação a ponto de se inocularem experimentalmente com o pus e o sangue de empestados.

A Asia, áquem do Caspio e do Persico, continuou a dar guarida predilecta aos germens da peste; d'alli a doença partiu mais d'uma vez em excursões longiquas, pelo oriente da Europa, norte d'Africa e por algumas ilhas do Mediterraneo. Segundo Tholozan, o principal foco d'irradiação epidemica nos primeiros quarenta annos do seculo xix encontrava-se na região do Caucaso.

De 1845 a 1854 não houve noticia d'uma unica epidemia de peste, tanto no Occidente como no Oriente, sendo esta *suspensão d'hostilidades* do bacillo de Kitasato-Yersin a primeira que se observou, pelo menos desde a pandemia da peste negra.

Depois d'este periodo d'acalmia, as epidemias succederam-se com frequencia na Cyrenaica (1856-74), no Assyr (1873-79), no Irak-Arabi (1856-84), etc.

Peste de
Wetlianka.

A pequena epidemia de Wetlianka, em 1878, que tambem attingiu Prischib, Staritza, Selinetroe e outras povoações da provincia de Astrakan, veio mostrar, contra a opinião d'alguns epidemiologistas, que a Europa continuava sob a ameaça de novas invasões da peste. Discutiui-se muito a origem d'esta epidemia. Para os delegados dos governos alle-mão e russo a doença foi importada pelos Cossacos que regressaram do cêrco de Erzerum; e, teria sido levada á Armenia por um regimento de cavallaria turca, procedente d'uma região infectada da Mesopotamia. Os delegados inglezes, Payne e Colvili, seguindo as tradições da sua escola epidemiologica, sustentaram que a peste de Wetlianka não fôra importada mas que se desenvolveu espontaneamente n'aquelles terrenos pantanosos, analogos aos da Mesopotamia, em que a doença era endemica. Os delegados francezes, turcos e romanos attribuiram a epidemia ás procedencias da Persia e, especialmente, de Rescht, dizimada pela peste em 1877 e que mantinha relações frequentes com Astrakan. Na epidemia de Wetlianka repetiram-se as scenas de selvajaria dos seculos passados (1).

(1) Na *Rev. de sc. med.* de 1880 encontra-se um resumo dos trabalhos publicados sobre a peste de Astrakan.

Para terminar este esboço historico restamos referir as recentes epidemias de Cantão e Hong-Kong, de Macau e de Bombaim.

N'este seculo têm sido signaladas com frequencia epidemias de peste na India e na provincia chinesa de Yun-nan. Das epidemias indianas, as mais notaveis foram a de 1815-17 nas provincias de Kutch e Kathywar (presid. de Bombaim), a de 1836-38 nas provincias de Marwar e Meywar, e as de 1823, 1836, 1847, 1858, 1859-60, 1870, 1876-77 no districto de Guhrwal; e, na provincia chinesa de Yun-nan, em que a peste é endemica, sabe-se que desde 1871 quasi todos os annos se desenvolvem epidemias na quadra do calor, as quaes parecem partir de Pakhoi ou talvez da Birmania e de Laos.

A epidemia que em 1894 reinou em Cantão e Hong-Kong, e percorreu o littoral desde a fronteira do Tonkin até Amoi, foi importada de Pakhoi. As cidades de Cantão e Victoria perderam de peste n'este anno cerca de 200:000 pessoas. Foi em Hong-Kong que Kitasato e Yersin emprehenderam em 1894 os notaveis trabalhos bacteriologicos que deviam leval-os á descoberta do bacillo da peste.

De Cantão e Hong-Kong, durante a epidemia de 1894, partiam diariamente para Macau

Peste no
Oriente.

Peste de
Hong-Kong e
Cantão em
1894.

P. de Ma-
cau em 1895.

perto de 1:500 pessoas. Apesar da proximidade dos focos epidemicos, da frequencia de communicacões, da deficiencia das precauções adoptadas e das más condições hygienicas de Macau, a nossa colonia fôra poupada n'aquelle anno. Em 1895, a peste, que ainda persistia em Cantão e Hong-Kong, conseguiu penetrar em Macau, acommettendo quasi exclusivamente a população chinesa nos poucos mezes que alli grassou (1).

Peste de
Bombaim em
1896-97.

E' muito obscura a origem da epidemia de peste que se declarou em Bombaim em setembro de 1896. Julgam, alguns, que fosse importada de Hong-Kong, colonia em que se registaram, n'aquelle anno, 1:204 obitos de peste (Atkinson); attribuem-a, outros, ás procedencias de Bagdad, não faltando ainda quem lhe reconhecesse uma origem local, *expontanea*. Nos fins de 1896 e principios de 1897 a epidemia alastrou pelas regiões vizinhas na India ingleza, reinou com bastante intensidade em Damão e fez raras victimas em Goa. No momento em que escrevemos estas linhas (outubro de 1897) a epidemia, que se julgava quasi extincta,

(1) *Relatorio sobre a epidemia de peste bubonica em Macau, em 1895*, por J. Gomes da Silva. *A Medicina contemp.* 1995 e 1896.

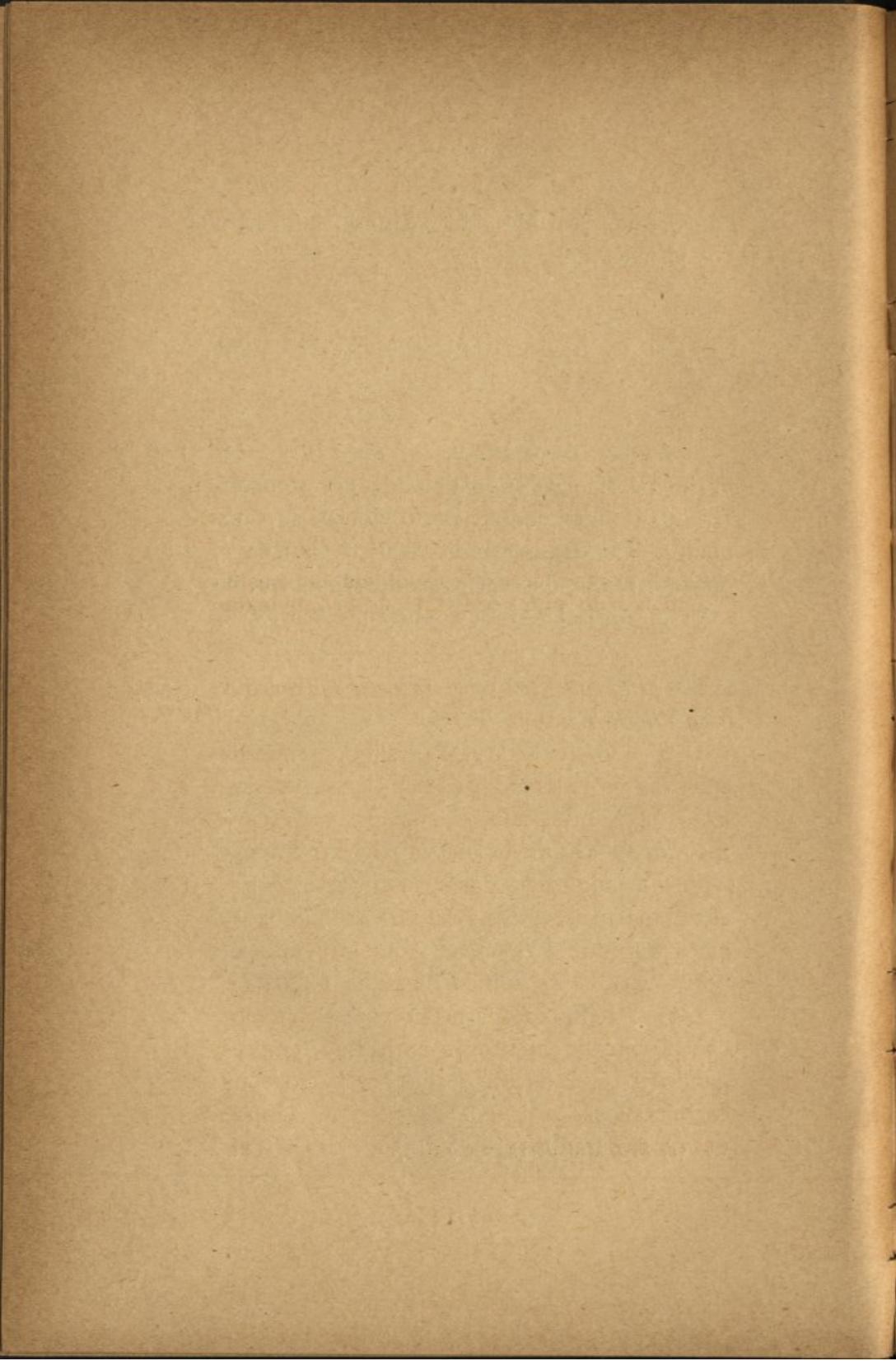
parece ter recrudescido, segundo informam os jornaes inglezes (1).

*

* *

Actuaes focos endemicos da peste. — Os Focos endemicos da peste. principaes focos endemicos da peste encontram-se actualmente nas provincias de Yunnan e Cantão, na India d'além Ganges e, para o Norte, nas vertentes do Himalaya, na Persia, no Iraki-Arabi e talvez no Assyr.

(1) *Brit. Med. Journ.*, 2 e 9-10-97.



II

Noções geraes sobre a etiologia da peste
debaixo do ponto de vista da prophylaxia
epidemica

I— *O agente etiologico da peste bubonica é
o bacillo de Kitasato-Yersin.*

O bacillo
da peste.

O bacillo de Kitasato-Yersin, descoberto em 1894 na epidemia de Hong-Kong, encontra-se no pus dos bubões, nos dejectos, escarros e, mais raramente, no sangue dos empesados; a inoculação das suas culturas puras, em animaes susceptiveis (rato, macaco, cobaya, etc.) reproduz a doença. Aquelle bacillo é, pois, o agente especifico da peste bubonica.

Não se tentou ainda no homem a inoculação do bacillo em cultura pura; mas, empregando o pus dos bubões, a serosidade dos carbunculos e o sangue dos doentes têm-se obtido resultados positivos. Na opinião d'al-

guns auctores, já na epidemia de 1665, em Londres, o medico T. Willis se inoculara voluntariamente com o pus dos bubões, morrendo de peste. Outro medico inglez, Whyte, repetiu em 1802 a experiencia de Willis, que tambem lhe foi fatal. Na epidemia de 1824, no Cairo, o pharmaceutico Ceruti convenceu algumas pessoas de que a peste podia attenuar-se e evitar-se, á semelhança da variola, por inoculação prévia do pus dos bubões; de seis europeus que se prestaram á experiencia, cinco contrahiram a doença e morreram. Na epidemia de 1835 da mesma cidade, Lachèze inoculou o sangue d'um empestado n'um homem condemnado á morte, estando presentes todos os medicos do hospital d'Esbekie; tres dias depois o paciente apresentava os symptomas nitidos da peste. Além d'estas e d'outras inoculações experimentaes, registam-se na sciencia algumas accidentaes, egualmente demonstrativas da virulencia do sangue, pus, etc., dos empestados.

Alguns animaes contraem expontaneamente a peste. Durante as epidemias e, quasi sempre, ainda antes do seu principio, os ratos morrem em grande numero, encontrando-se n'elles o bacillo da peste. Yersin conseguiu tambem isolar aquelle bacillo do intestino de moscas mortas em tempo d'epidemia. Nas

localidades assoladas por uma epidemia e ainda depois d'extincta a doença, o mesmo bacteriologista verificou que nas camadas superficiaes do solo existia um bacillo identico ou muito semelhante ao da peste; é alli que provavelmente os ratos adquirem a infecção e, tornando mais virulento o bacillo, preparam o contaggio ao homem.

II. — *Para que a peste se desenvolva n'um paiz indenne, torna-se necessario que os seus germens sejam importados d'uma região infectada.*

Origem exotica da peste nos paizes indennes.

A theoria da origem expontanea da peste contava, ainda não ha muitos annos, partidarios dos mais auctorizados. Estas ideias erroneas nasciam naturalmente da impossibilidade de provar, em muitos casos, a procedencia exotica da doença assim como de vêl-a succeder quasi constantemente ás guerras, fomes e a todas as calamidades que arrastavam as populações á miseria. «Assim, pois, podemos dizer para resumir, escrevia Proust, que a peste se desenvolve no meio de populações deprimidas por uma profunda miseria physica e moral. *E' a condição essencial que gera a peste; . . .*» (1).

(1) Proust. — *Essai sur l'hygiène internationale*. Paris, 1873.

A condição *essencial* a que se referia Proust ha pouco mais de vinte annos não passa hoje d'uma circumstancia accessoria, embora de grande importancia; a causa determinante da peste, como vimos, é o bacillo de Kitasato-Yersin, assim como a condição *sine qua* da sua presença em paiz indemne é a sua importação d'um logar infectado.

Não existem provas, na verdade, da importação da doença n'um grande numero d'epidemias; mas, quem o poderá extranhar se na epocha em que a peste visitou mais assiduamente a Europa, taes averiguações, além de preoccuparem menos os profissionaes, offereciam extrema difficuldade, e se no Oriente ainda hoje identicos embaraços tolhem as mais firmes vontades?

Nas epidemias mais recentes não faltam, entretanto, as provas da sua origem exotica. A epidemia de 1895 em Macau foi evidentemente importada de Hong-Kong e Cantão; a de 1878-79 em Wetlianka deu logar a importações nitidas nas localidades vizinhas, especialmente em Prischib; a de 1720 em Marselha importou-a o navio do capitão Chataud; nas epidemias de Tripoli em 1837, de Tunis em 1784, d'Argel em 1740, 1756 e 1817, Ségur du Peyron pôde verificar a importação, especialmente do Egypto e de Smyrna; o navio

inglez *Avon*, conduzindo peregrinos d'Ale-
xandria, originou a epidemia de 1818 em
Tanger; o exercito allemão que se dirigia
sobre Mantua introduziu em 1630 a peste em
Milão; etc.

Outra razão que contribuiu para apoiar
a theoria da origem *expontanea* da peste de-
rivava da frequencia com que as epidemias
se declaravam em determinadas localidades,
depois d'um intervallo d'algum tempo; em
muitas cidades da Asia Menor era crença
firme do povo que a doença apparecia perio-
dicamente, em epochas fixas. Das epidemias
que assim se repetiam na mesma região, não
reconheceriam algumas por causa a revives-
cencia dos germens antigos?

Resisten-
cia do bacillo
nos meios na-
turaes.

A demonstração bacteriologica da persis-
tencia dos germens da peste durante muito
tempo nos meios naturaes, conservando a
virulencia propria, já iniciada pelos trabalhos
de Yersin, não é ainda completa; mas, na
historia da epidemiologia não faltam os factos
que affirmem a longa vitalidade d'aquelles
germens. Citemos o seguinte, referido por
Grassi:

« Em 1829 havia n'um angulo do convento
de S. João d'Acre uma caixa de que se desco-
nhcia o conteúdo. Dois annos antes tinham
fallecido de peste dois religiosos d'aquelle

convento. O novo padre presidente, reparando na caixa, mandou abri-la; viu-se que continha vestuario de frades. Vinte e quatro horas depois, o religioso que abrira a caixa foi attingido de peste. Os outros, em numero de oito, foram successivamente atacados, e morreram todos, sem excepção » (1).

O bacillo da peste resiste, portanto, durante mezes e annos nos meios naturaes, provocando por vezes epidemias de revivescencia; e, como transportado a outras regiões, durante este interregno epidemico, é susceptivel de produzir effeitos semelhantes, deduz-se que

III — *Devem considerar-se suspeitas d'infeccção as procedencias d'uma localidade anteriormente assolada pela peste, ainda muito tempo depois d'extincta a doença.*

Em paiz inteiramente indemne a peste é sempre importada do exterior; vejamos, pois, quaes os vehiculos que podem transportar os germens da doença a tão longas distancias.

Transmis-
são da peste
pelas pessoas
doentes.

IV — *As pessoas atacadas de peste, recém-chegadas a um paiz indemne, são a causa frequente do desenvolvimento d'uma epidemia.*

(1) Réponse de M. le docteur Grassi, médecin en chef du lazaret d'Alexandrie, aux sept questions posées par le ministère anglais. (Rapport de Prus).

Se esta proposição carecesse de factos comprovativos, poderíamos invocar um grande numero d'epidemias, como a de 1878 em Wetlianka, a de 1835 no Egypto, a de 1770-71 em Moscow, a de 1720 em Lyão, etc., em que se contam por dezenas os exemplos de transmissão da peste, a grandes distancias, pelo homem doente. E como não havia de succeder assim se, quando uma epidemia toma incremento n'uma localidade, o exodo é geral, e se o bacillo pullula no pus dos bubões, nos dejectos e na expectoração dos empestados?

Mas, poderão tambem as pessoas em estado de saude transportar os germens da peste d'um logar infectado para uma região indemne?

Transmis-
são da peste
pelas pessoas
saudaveis.

A possibilidade da diffusão da peste, a pequenas distancias, por pessoas saudaveis, que hoje ninguem contesta, já Grassi a admittia n'uma epocha em que se negava a contagiosidade da doença. Diz Grassi: «Eu estava empregado em 1824-25 no hospital europeu d'Alexandria, onde os empestados francos eram admittidos. Tratava e tocava indifferentemente todos os doentes, mas logo reconheci a minha imprudencia; porque, não acreditando no contagio, compromettia ao mesmo tempo as salas do hospital e a minha

própria família, para as quaes eu era um vehiculo da infecção » (1).

Quando a região infectada fica a grande distancia, comprehende-se que o risco d'importação dos germens, por esta fórma, se attenua notavelmente sem, comtudo, desaparecer por completo: no vestuario, á superficie cutanea e, por analogia com outras bacterias, talvez nas mucosas do apparelho digestivo e respiratorio, o bacillo de Kitasato-Yersin poderá ser vehiculado em *estado latente*, revelando mais tarde a sua presença em condições favoraveis á infecção (2).

Transmis-
são da peste
pelos obje-
ctos.

V — *Os objectos procedentes d'uma região infectada, especialmente os mais sujeitos a contaminação pelos doentes (roupas etc.) e pelas poeiras (lãs, etc.) conduzem frequentemente o bacillo da peste para os paizes indemnes.*

Os objectos usados pelos doentes e diversas mercadorias têm sido justamente incriminados na genése de numerosas epidemias de peste, algumas das quaes o leitor encontrará mencionadas no resumo historico que precede este capitulo. Citemos, entretanto, alguns

(1) Grassi, *loc. cit.*

(2) Vejam-se as considerações feitas a proposito da transmissão da cholera pelas pessoas saudaveis.

exemplos mais frisantes d'este modo d'importação da peste.

Nos fins d'abril de 1838, um alfaiate grego, vindo de Jaffa, cidade então infectada, chegou a Beirut e alli deixou, em casa d'outros alfaiates gregos, uma mala contendo vestuario. A mala foi aberta e, pouco depois, morreram dois creados da casa, sem que se ligasse attenção á especie morbida que os victimou. No dia 10 de maio, proximamente, alguns alfaiates gregos que se haviam reunido em *alegre convivio*, sentiram-se todos doentes. Desde o dia 13, em que se reconheceu que a doença era a peste, até ao dia 19, dos sete alfaiates atacados morreram seis. A 19 foi attingido um empregado dos alfaiates. A 20 manifestou-se a peste n'um alfaiate grego e na mulher, ambos relacionados com os primeiros doentes. A 21 cãe doente e morre um turco, contagiado pelo barbeiro que sangrara os empestados. Depois foram atacados successivamente tres operarios dos alfaiates gregos, uma mulher que lavara roupa dos empestados, seis operarios dos alfaiates, o padre grego que assistira aos doentes e seus dois filhos, etc., localizando-se e extinguindo-se a epidemia em virtude das medidas prophylacticas executadas.

A prova experimental da transmissão da peste pelas roupas usadas pelos doentes

tambem existe. Na epidemia de 1835, no Cairo, em presença dos medicos Gaetani, Clot, Lachéze e Bulard, foram mandados deitar em camas havia pouco abandonadas por empestados, dois homens condemnados á morte, ambos de 18 annos e gosando excellente saude. Um dos condemnados, tres dias depois, manifestava os primeiros symptomas da peste e d'ella succumbia passados quatro dias; pelo mesmo tempo, o outro condemnado tambem accusava a doença, mas sob uma fórma benigna.

Dos factos que acabamos de citar não se conclua, todavia, que o contagio pelas roupas dos empestados se dá sempre com igual facilidade; na maior parte das epidemias têm-se observado o contrario. Na ultima epidemia de Macau, o hospital dos chinezes (que eram tratados pelos *curandeiros chins*) recebeu nas mesmas salas, durante algum tempo, empestados e individuos affectados d'outras doenças; ora, muitas vezes os ultimos iam occupar as camas deixadas pelos primeiros, sem que ao menos se substituíssem as roupas e, entretanto, segundo se affirma, não se deu nenhum caso de contagio! (1).

Mencionemos, emfim, um caso d'importa-

(1) J. Gomes da Silva, *loc. cit.*

ção da peste por mercadorias, referido pelo medico Sicard. Em 1794 Sicard achava-se em Constantinopla, hospedado em casa do negociante Dalmas, que tinha por creado o grego Nicolo. Este creado recebeu n'um sabbado, de Smyrna, uns fardos contendo pannos d'algodão e de lã; ora, no domingo á noite Nicolo apresentava os symptomas nitidos da peste. Antes de ser removido para o hospital, Nicolo teve a visita d'um amigo, de nome Privilegio, que pouco depois apparecia com a doença. Nicolo e Privilegio morreram no fim de poucos dias e o mesmo aconteceu a um dos carregadores que conduzira o primeiro ao hospital. A peste tomou logo grande incremento, fazendo numerosas victimas.

VI. — *A peste transmite-se pelo ar mas sómente n'um raio muito limitado.*

Transmis-
são da peste
pelo ar.

Desde que os bacillos da peste persistem vivos nas camadas superficiaes do solo e nas poeiras das habitações era de prever que o contagio podesse dar-se pelo ar, tanto mais que a infecção invade algumas vezes o organismo pelas vias respiratorias; entretanto, recordemos alguns factos comprovativos.

Na epidemia de 1835 em Alexandria, os pharmaceuticos do hospital Ras-el-Tin; pela maior parte italianos que temiam em extremo

o contacto de qualquer objecto suspeito, contrahiram todos a doença pelo facto de trabalharem em salas occupadas por empes-tados.

Na mesma epidemia, tendo-se declarado alguns casos de peste na escola de Kankè, os alumnos retiraram para o deserto, d'onde regressaram depois d'algum tempo. Logo que chegaram, a casa foi *varrida* e preparada; ainda, porém, não tinha passado o primeiro dia e já cinco alumnos manifestavam a doença, dando entrada no hospital d'Abouzabel. No dia immediato cahiram doentes mais tres, no seguinte nove e, como o numero dos atacados augmentasse successivamente, os alumnos voltaram para o deserto, extinguindo-se logo a epidemia.

Estes e outros muitos factos demonstram a transmissibilidade da peste pelo ar a curta distancia; mas, em contrario do que se admit-tia antigamente, não ha um só exemplo de transmissão ao longe pelo mesmo vehiculo.

Transmis-
são da peste
pela agua.

VII. — *A agua não influe provavelmente, d'um modo directo, na propagação da peste.*

Algumas razões fundamentam esta propo-sição. O bacillo de Kitasato-Yersin, que em tempo de epidemia se fixa e vegeta em quasi todos os meios, parece todavia não resistir á

acção da agua por mais de um a tres dias (1); por outra parte, procurando-o nas aguas de localidades infectadas, Yersin não conseguiu encontral-o. Notaremos tambem que embora o bacillo habite frequentemente o intestino dos doentes, não é esta a porta d'entrada da infecção, salvo talvez na fórma septicemica; e, não devemos esquecer, por fim, que os factos da observação clinica não permitem affirmar a diffusão da peste por intermedio da agua.

VIII. — *Todas as causas d'insalubridade publica e individual auxiliam poderosamente o desenvolvimento e a propagação da peste.*

A hygiene
e a peste.

« A peste é devida á barbaria, a civilização é o seu remedio » dizia um dos epidemiologistas mais conhecedores da doença, Tholozan, ha cerca de cincoenta annos. E, na verdade, quem compulsar a historia da peste verificará que ella foi abandonando a Europa á medida que os progressos da civilização vieram substituir por um bem estar relativo as miseraveis condições sociaes da edade media e ainda dos seculos subsequentes; verá que a peste só dizimou o Egypto no seu periodo de deca-

(1) *Report of the german commission on the plague in Bombay. Brit. Med. Journ., may 15, 1897.*

dencia, depois da dominação romana, e que allí se enraizou por vinte seculos na sordida residencia do faminto *fellah*; e, emfim, irá encontrar a alimentar-a hoje a pobreza immunda dos povos do Yun-nan, do Hymalaya, da Persia, etc.

Nas recentes epidemias de Bombaim, Macau, Hong-Kong e Cantão mais uma vez se confirmou o alto valor preservativo, não diremos já dos preceitos hygienicos especiaes, mas simplesmente do asseio e conforto individual: os europeus gosaram de grande immunidade, mesmo aquelles que mais se expunham ao contagio, e até os indigenas que residiam em casas d'europeus foram relativamente poupados.

III

Resumo historico das epidemias de febre amarella na Europa (1)

A febre amarella era desconhecida dos europeus antes da descoberta da America.

A f. amarella conhecida dos europeus no seculo xv.

Pouco depois de Colombo aportar pela segunda vez ao Novo Mundo, entre hespanhoes e indios travou-se a celebre batalha de *Vega-Real* ou de *Cerro* (24 de março de 1495); ora, terminada esta lucta sangrenta, ateou-se em S. Domingos uma epidemia terrivel, que flagellou vencedores e vencidos.

(1) Os apertados limites d'este ligeiro esboço não comportam a historia, embora succinta, reduzida a schemas, das numerosas epidemias que desde o seculo xv até hoje têm reinado n'um ou n'outro ponto da extensa zona do typho icteroiide; limitamos, porisso, as nossas referencias ás epidemias da Europa, por ellas nos offerecerem os factos que mais interessam ao objecto especial d'este estudo.

Tratar-se-ia d'uma epidemia de febre amarella? Razões de valor pugnam pela affirmativa. As raras descripções dos symptomas d'aquella doença, que hoje possuímos, apesar de muito vagas e incompletas, só podem responder á febre amarella. A grande mortalidade, propria do typho americano, não lhe é exclusiva, mas as outras epidemias fortemente mortíferas apresentam uma expressão symptomatica muito differente. Emfim, nas expedições seguintes, os hespanhoes que pela primeira vez desembarcavam nas Antilhas eram logo victimados em proporções assombrosas; pelo contrario, depois de acclimatados em S. Domingos, iam impunemente ás outras ilhas fundar novos estabelecimentos.

Tudo leva a crer, pois, que a epidemia consecutiva á batalha de Vega-Real fosse de febre amarella; entretanto, as primeiras referencias da doença, claras e indiscutíveis, datam apenas de 1635 (Du Tertre), e a primeira descripção medica do typho americano, de que é auctor o portuguez João Ferreira da Rosa (1), appareceu somente em 1694.

(1) João Ferreira da Rosa.— *Tratado da constituição pestilencial de Pernambuco*. Lisboa, 1694. O auctor occupa-se especialmente da epidemia de *Olinda*, que parece ter sido importada de S. Domingos.

A historia da febre amarella na Europa principia com o seculo xviii. N'este seculo, a doença foi importada repetidas vezes na Europa, especialmente em Cadiz, mas quasi nunca deu logar a epidemias importantes. D'essas importações citam-se, em Cadiz, as de 1701 (e, para alguns auctores, 1702 ou 1703), 1730, 1731, 1733, 1734, 1736, 1740, 1741, 1744, 1745, 1746, 1763, 1764, 1780, 1784, 1790 e 1792; em Malaga, a de 1741; em Londres, a de 1713; em Peniche e Eriçeira, respectivamente as de 1718 e 1721 (J. Rodrigues d'Avreu); e, em Lisboa, a de 1723.

A febre
amarella no
seculo xviii.

As epidemias d'este periodo, que merecem especial referencia, são a de Lisboa, a de Cadiz em 1763 e a de Malaga.

Pouco se conhece da origem da epidemia de Lisboa. Os medicos da epocha attribuiram-a aos fortes calores do outomno e, alguns, a importação. Por tres mezes reinou a doença na capital, adquirindo em outubro o maximo d'intensidade. Computou-se em 6:080 o numero das suas victimas (1).

Epidemia
de 1723 em
Lisboa.

A epidemia de Malaga (1741), de que morreram 10:000 pessoas, foi importada das Antilhas por um navio com febre amarella a bordo, a que deram livre pratica.

Epidemia
de 1741 em
Malaga.

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc. cit.*

Epidemia
de 1763 em
Cadiz.

Em 1763 entrou em Cadiz um navio procedente da America, que durante a viagem perdera muitas pessoas de febre amarella; por falsa declaração do capitão, concederam-lhe livre pratica. Pouco depois declarava-se a doença na casa em que se alojaram os tripulantes, em seguida passou ás casas vizinhas, habitadas por gente pobre, e permaneceu cerca d'um mez localizada n'este quarteirão da cidade. Em abril do anno seguinte, extincta completamente a epidemia, dois marinheiros que occupavam o mesmo quarto foram atacados de febre amarella; e, procedendo-se a rigorosas investigações, reconheceu-se que elles haviam recebido roupas pertencentes a individuos fallecidos de vomito negro (1).

A febre
amarella no
seculo XIX.

As epidemias do seculo XIX, egualmente numerosas, são muito mais instructivas pela abundancia de pormenores conhecidos.

Epidemia
de 1800 em
Cadiz.

Logo no principio do seculo, em 1800, uma grande epidemia assolou Cadiz, causando 7:387 obitos e attingindo 48:250 (!) pessoas, n'uma população de 57:500 (Arejula). O governo hespanhol, para evitar a ruina

(1) Bally, François et Pariset. — *Histoire de la fièvre jaune observée en Espagne, et particulièrement en Catalogne dans l'anné de 1821*. Paris, 1823. Pariset. — *Histoire médicale de la fièvre jaune qui a régnée en Catalogne, en 1821*. Paris, 1826.

total do commercio d'esta cidade, ao tempo bloqueada pela esquadra ingleza, dispensou da quarentena e isentou dos direitos ordinarios todos os navios que rompessem o bloqueio. Incitados por esta recompensa, os navios *Dauphin*, *Aigle* e *Jupiter*, em viagem da Havana e de Vera-Cruz, forçaram o cruzeiro inglez e entraram no porto de Cadiz. Alguns dias depois morria de febre amarella um marceneiro que trabalhava no *Dauphin* e, no hotel em que se hospedara um passageiro d'este navio, davam-se outros casos fataes; a epidemia, porém, progrediu muito lentamente durante os dois primeiros mezes, sendo diagnosticada apenas em junho, quando a sua força d'expansão assumiu uma violencia extraordinaria.

A epidemia propagou-se a Sevilha, Cordova, Barcelona e outras localidades do paiz vizinho. Uma d'estas irradiações é muito notavel. Em 1800 um fugitivo de Cadiz foi morrer a Medina Sidonia. Fecharam immediatamente a casa em que se dera o obito e, n'esse anno, não se manifestou em Medina mais nenhum ataque de vomito negro. No verão do anno seguinte, quando abriram a casa, as pessoas que n'ella entraram cahiram logo doentes com a febre amarella. Um individuo que comprara roupas d'essa casa con-

trahiu a doença e communicou-a á familia. A epidemia ganhou successivamente terreno mas, durante muito tempo, não ultrapassou os limites do bairro primitivamente infectado. Os habitantes que fugiram para o campo foram poupados; porém, desde que regressavam ás suas casas de Medina, ou que se approximavam dos doentes, ou ainda das pessoas com saude vindas da cidade, adquiriam a febre amarella (Arejula). No mesmo anno de 1801, um regimento que chegara a Cadiz recolheu-se n'um quartel onde no anno anterior a doença fizera numerosas victimas; a febre amarella declarou-se logo nos soldados, notando-se que na cidade não se tinha observado até então nenhum caso suspeito (1).

Febre amarella em Marselha (1802).

Em 1802, a febre amarella foi importada em Marselha, em circumstancias dignas de se registarem. Depois d'uma quarentena de dez dias, a tripulação do *Colombia* teve livre pratica. No proprio dia em que desembarcaram e no seguinte, o capitão e dois marinheiros do *Colombia* apresentaram os symptomas da febre amarella. O navio seguiu pela segunda vez para o quadro das quarentenas e, passados dez dias, entrou em livre pratica. Novo desembarque da tripulação que, saltando em

(1) Bally, François e Pariset, *loc. cit.*

terra, perdeu de febre amarella um dos marinheiros. O *Colombia* partiu pela terceira vez para a quarentena e lá ainda morreram tres tripulantes de vomito negro. Todos os ataques foram mortaes e, apesar de succederem nos mezes de agosto e setembro, a população de Marselha conservou-se indemne (1).

A epidemia de 1803 em Malaga tambem teve uma origem interessante. O contrabandista F. Munos, acompanhado dos irmãos Verduras, conseguiu entrar n'um navio impedido, d'onde trouxe para terra diversas mercadorias. A 14 de julho Munos foi atacado de febre amarella e morreu a 20 do mesmo mez. A 24 d'agosto deu-se o segundo obito de febre amarella n'um marinheiro que se achava em casa dos Verduras. A 26, cahiu doente um filho do contrabandista Verduras e succumbiu em 3 de setembro. Depois, o vomito negro attingiu a mãe, irmãos e pae d'aquelle rapaz, saltou a um vizinho, a um padeiro e a um amigo dos Verduras, contagiou o padre que assistiu ao enterro do marinheiro e tres medicos que trataram dos doentes e, pouco a pouco, lentamente, foi alastrando pela cidade. A epidemia irrompeu

Epidemia
de 1803 em
Malaga.

(1) Béranger-Féraud. — *Traité de la fièvre jaune*. Paris, 1891.

com grande violencia no mez de outubro, declinou em novembro e extinguiu-se a 20 de dezembro; d'ella morreram 6:884 pessoas, (ou 16:000, segundo alguns auctores). De Malaga a febre amarella passou a Antequera, Rembla, Mantilla, etc.; levaram-a a Gibraltar os contrabandistas e, d'aqui, os germens icteroides alcançaram Alicante n'umas balas de algodão que o capitão do porto occultara em sua casa (Kéraudren). Em Barcelona, declararam-se alguns casos, especialmente em pessoas que trabalharam a bordo de navios infectados (1).

Epidemia
de 1804 em
Hespanha.

A grande epidemia de 1804 em Hespanha deve verosimilmente filiar-se na revivescencia dos germens da anterior. Os dois primeiros ataques observaram-se em Malaga, na casa n.º 12 da rua X, no dia 29 de junho. Até 28 de julho registaram-se apenas nove obitos de febre amarella, todos n'aquella rua e assim distribuidos: 4 na casa n.º 13, 2 na casa n.º 11, um na casa n.º 9, 1 na casa n.º 14 e 1 na casa n.º 6. A epidemia alastrou depois pelas ruas vizinhas, invadindo por fim toda a cidade. Extinguiu-se a 28 de novembro, causando 4:464 obitos.

De Malaga, a doença propagou-se a muitas

(1) Bally, *loc. cit.*

ciudades d'Hespanha, a Gibraltar, a Marselha e ganhou até o littoral da Italia. E' interessante seguir algumas das suas ramificações.

Em Antequera importou-a um alfaiate que fugira de Malaga, onde trabalhava, com receio da epidemia. Dias depois da chegada a Antequera, o alfaiate morreu de febre amarella; as pessoas de familia, em numero de sete, foram todas contagiadas, e cinco mortalmente. A epidemia de Antequera cessou em 6 de novembro, tendo feito poucas victimas.

Carthagená, com uma população de 50:000 habitantes, perdeu 20:000 n'esta epidemia. A primeira victima da febre amarella foi uma filha do consul da Suecia, que recebera d'um navio em quarentena alguns objectos d'algodão. Os sete obitos seguintes deram-se n'um convento para onde aquella menina mandára uns lenços para abainhar.

A Vellez Malaga, Ronda, Barrios, Ximena, etc., vehicularam os germens icteroides quer pessoas já atacadas, quer objectos infectados.

Não se conhece o modo d'importação em Gibraltar mas sabe-se que d'esta cidade um contrabandista levára-a a Algeciras. Em Ayamonte importou-a um pescador que no alto mar vendera peixe a um navio procedente de Gibraltar.

Epidemia
de 1804 em
Leorne.

O *Anna Maria*, em viagem da Havana e com escala por Cadiz e Alicante, introduziu a febre amarella em Leorne. Na epidemia de Leorne, as primeiras pessoas atacadas foram: os guardas de saude e os operarios que trabalharam a bordo do *Anna Maria*; os moradores d'uma casa que recebera doentes do *Anna Maria*; os descarregadores do navio; os empregados d'uma padaria que dormiram sobre umas saccas em que dias antes se conduziu o pão a bordo; os empregados e o dono do armazem em que guardaram a carga do navio; emfim, os habitantes d'algumas casas situadas perto do porto. A execução d'algumas medidas sanitarias foram sufficientes para dominar rapidamente esta epidemia (1).

Em Marselha, a febre amarella apenas se observou nos navios em quarentena no porto. Ainda n'esta cidade, mas em 1807, o capitão do navio *Fame* teve a febre amarella, oito dias depois de cumprir quarentena.

As epidemias de Cadiz e Carthagená em 1810, as de Cadiz, Gibraltar, Alicante, Marselha, Bordeus e Brest em 1811, a de Carthagená em 1812, as de Cadiz e Gibraltar em 1813 e a de Cadiz em 1819, todas muito limitadas, não requerem maior refe-

(1) Bally, François e Pariset, *loc. cit.*

rencia por se conhecer mal a sua origem e evolução.

Uma das epidemias mais mortíferas que n'este seculo assolou a Hespanha foi sem duvida a de 1821. Só em Barcelona e nas localidades vizinhas, o numero dos atacados elevou-se a 70:000 e o dos mortos não desceu de 20:000. E' notavel ainda esta epidemia pela fórma brilhante porque a descreveram os commissionados do governo francez,—Bally, François e Pariset (1); um dos membros da missão, o infeliz Mazet, pouco depois de chegar ao theatro da lucta, era acommetido pelo vomito negro e, passados nove dias, succumbia nos braços dos seus collegas. Um estudo não menos interessante d'esta epidemia deve-se a Andouard (2).

Epidemia
de 1821 em
Barcelona.

Eis como se deu a importação do terrivel flagello. Em 1821, depois d'uma primavera excessivamente quente, o calor continuou a apertar no mez de julho; entretanto, o estado sanitario de Barcelona permanecia excellente. A 15 de julho celebrou-se n'esta cidade o anniversario da Constituição. Desde manhã, o povo sahiu em massa para a rua, apinhou-se

(1) Bally, François e Pariset, *loc. cit.* Pariset, *loc. cit.*

(2) Andouard. — *Relation historique et médicale de la fièvre jaune que a régné à Barcelone en 1821.* Paris, 1822. (Cit. de Bérenger-Féraud).

nos caes, espalhou-se pela vasta esplanada de Barcelonetta e os navios ancorados no porto cobriram-se de espectadores.

Fundeavam então no porto um grande numero de navios e, entre elles, contavam-se mais de vinte que havia pouco tinham chegado da Havana e de Vera-Cruz. Na Havana e durante a travessia, alguns d'elles foram assaltados pela febre amarella; outros, mesmo á chegada, traziam doentes a bordo, mas os capitães, pelos artificios conhecidos e com a connivencia da tripulação e passageiros, conseguiram facilmente a livre pratica. As communicações entre as tripulações e os habitantes da cidade eram muito frequentes e mais frequentes se tornaram na festa de 15 de julho; tudo conspirava, pois, para que a epidemia irrompesse com assombrosa violencia.

Um dos mais bellos navios que alli se via, o *Gran-Turco*, procedente da Havana, entrára no porto a 29 de junho. Dias depois a familia do capitão, mulher, filhos e uma creada, foram passar a bordo um ou dois dias; desembarcando em Barcelonetta, cahiram todos doentes e todos morreram. No dia 15 de julho o contra-mestre do navio levou tambem a bordo sua mulher, um cunhado e uma cunhada; vinte e quatro horas depois, os dois

ultimos acharam-se doentes e succumbiram, nos fins do mez, de vomito negro typico. Ainda no dia 15 visitaram o *Gran-Turco* umas quarenta pessoas e d'ellas, passados dias, apenas viviam cinco.

No dia 11 de julho fundeou no porto o *Nuestra Señora del Carmen*, procedente da Havana e tendo tocado em Alicante; no logar da partida, tres tripulantes tiveram a febre amarella, morrendo um d'elles. O *Nuestra Señora* tomou em Alicante um passageiro pobre que dois dias antes da chegada a Barcelona adoeceu gravemente; uma vez no porto do destino, o capitão obrigou-o a levantar-se, vestir-se e barbear-se para que no meio da tripulação passasse despercebido á auctoridade sanitaria. Na noite da chegada desembarcaram o doente que expirou no dia seguinte.

Com os navios *Josephina*, *Taille-Pierre*, etc., infectados quer nos portos de procedencia, quer depois de fundeados em Barcelona, passaram-se scenas semelhantes ás que acabamos de mencionar.

Os ataques de febre amarella repetiam-se, mas ainda assim com muito menor rapidez do que devia esperar-se da multiplicidade dos focos de contagio, da extrema frequencia de communicações com os navios, da tempe-

ratura excessiva da quadra e da falta de providencias sanitarias.

Emquanto a doença ia lavrando livremente, nas corporações medicas discutia-se com ardor o seu diagnostico. As opiniões dividiam-se (o que, diga-se de passagem, é a regra em taes circumstancias) e o povo, que seguia attento os debates, deu-se pressa em abraçar a mais optimista. Os medicos que reconheceram a molestia foram alcunhados de *auctores da febre amarella*, apupados e escarnecidos. Até onde a turba levou os seus excessos e a fé das suas convicções, póde avaliar-se pelo seguinte facto, narrado por Pariset :

« Aussi, quand les progrès du mal la mirent (a administração sanitaria) dans la nécessité de recourir à quelque rigueur, au lieu d'obéissance elle ne rencontra que révolte. Les quatre frères Prats, charpentiers de Barcelonette, en travaillant sur le *Grand-Turc*, y avaient contracté la fièvre jaune la mieux caractérisée. On les porta au lazaret. Ils y moururent presque à leur entrée, le 14 août; et le lazaret, déjà discrédité, n'en devint que plus odieux. Ils avaient transmis la maladie à leur sœur et à leur père. On voulut faire transporter le père Prats, non au lazaret, mais dans une charmante maison de bains, située sur le

bord de la mer. A cet effet, l'autorité se présenta, le 16 août, avec une escorte de cavalerie. A l'instant, toute la population de Barcelonette fut soulevée. *Elle arracha Prats des mains de ceux qui s'en étaient emparés, et, dans le transport qui les aveuglait, des hommes, des femmes le prenaient à l'envi dans leurs bras, le couvraient de baisers, se baignaient de sa sueur, et, de ses draps encore chauds, humides, et souillés de vomissement noir, se frottaient le visage, la poitrine et les membres: tant était vive la persuasion où on les avait mis que la maladie n'était point la fièvre jaune, ou que cette fièvre n'était point contagieuse.* Ces hommes, ces femmes, auteurs du tumulte, reçurent bientôt le prix de leur imprudence et de leur indocilité. Ils suivirent Prats, qui expira le même jour, sans que tant de morts si prompts pussent dessiller leurs yeux » (1).

Scenas violentas como esta repetiram-se mais d'uma vez. A maior parte das medidas sanitarias ordenadas pela auctoridade ficaram sem execução. O panico apoderou-se por fim da população que debandou para fóra da cidade. Apesar d'isso, nos mezes de setembro e outubro, houve dias em que se contaram até 400 obitos de febre amarella. Para

(1) Pariset, *loc. cit.*

os fins de novembro a epidemia estava quasi extincta e cessou completamente em meados de dezembro.

Em Malaga, a febre amarella foi importada ou por alguns navios, em viagem de Havana, ou pelo *Initium*, vindo de Barcelona. Reconhecidos os primeiros casos (que se declararam, como acontece quasi sempre, nas pessoas que frequentaram os navios) a auctoridade adoptou providencias energicas e os habitantes de Malaga, ao contrario do que succedeu em Barcelona, emigraram immediatamente, apossados de terror. Passados dias, como a epidemia parecia sustada, os animos serenaram e a população voltou para a cidade. O estado sanitario de Malaga continuou regular, devido ás providencias ordenadas; chegara, porém, a epocha de vender e exportar as colheitas, pelo que se tornava necessario pôr de parte aquellas medidas de prophylaxia. Os navios entraram de novo no porto, restabeleceram-se com elles as communicacões, agora multiplicadas pelo augmento das transacções, e logo a infecção se espalhou pela cidade.

Um navio que partira de Barcelona com carta limpa, já quando a epidemia alli reinava, levou a febre amarella a Palma (Maiorca). A doença manifestou-se primeiro n'um passageiro do navio, no dia seguinte ao da chegada;

depois atacou as pessoas da familia, em seguida as visitas dos doentes, mais tarde passou ás casas vizinhas, alastrando sempre lentamente, como *mancha d'azeite*. Uma das visitas assiduas do primeiro doente morava n'um bairro affastado e alli foi constituir um segundo foco epidemico; em toda a cidade, comprehendida entre os dois bairros extremos, não havia um só caso suspeito. Resolveu, porisso, a auctoridade isolar os dois bairros mas os doentes, tendo noticia da medida projectada, abandonaram de noite as suas casas e foram espalhar-se pela cidade, por toda a parte onde um amigo ou parente lhes proporcionava guarida.

De Barcelona a febre amarella saltou até Marselha, observando-se alguns casos a bordo dos navios em quarentena.

No pequeno porto de *las Passages* (norte d'Hespanha), rodeado por duas povoações— a de S. Pedro e a de S. João — a febre amarella foi em 1823 importada em circumstancias bastante instructivas. O *Donastiera* entrou na Corunha com trinta e cinco dias de viagem da Havana e alli fez quarentena de dez dias; no decimo dia da viagem tinha-se dado a bordo um obito de molestia suspeita. Seguiu depois para Santander, onde se demorou seis dias, e por fim fundeou em *las Passages* a 2 d'agosto,

Epid. de
1823 em *las*
Passages.

junto da povoação de S. João. Foi o primeiro navio que alli entrou n'aquelle anno. Fez-se a descarga até 16 d'agosto. No dia 15 adoeceu um guarda fiscal de serviço a bordo, morrendo no dia 17. A 18 principiaram as reparações no navio. A 20, um carpinteiro de bordo foi atacado e morreu a 22. De 22 d'agosto ate 1 d'outubro, nove operarios que trabalhavam a bordo foram igualmente attingidos, succumbindo quasi todos. Communicou-se depois a febre amarella á povoação de S. João, emigrando metade dos habitantes, sem todavia infectarem as localidades vizinhas. No dia 12 de setembro estabeleceu-se um cordão sanitario em volta de S. João emquanto que, do lado do mar, cruzava um pequeno navio de guerra, para cortar todas as relações com o resto do paiz; entretanto, a febre amarella, que até então se conservara localizada, passou depois muito além dos limites do cordão sanitario. A epidemia terminou em 30 de setembro, tendo-se registado 40 obitos e 101 ataques de vomito negro (1).

Epid. de
1823 em Gi-
braltar.

A epidemia de 1828 em Gibraltar, de que existe um relatorio notavel devido a Louis, Chervin e Trousseau (2), foi importada pelos

(1) Bérenger-Féraud, *loc. cit.*

(2) *Documents recueillis par M. M. Louis, Chervin et Trousseau, membres de la commission envoyée à Gibraltar,*

navios *Dygden* e *Meta*. O *Dygden* largou da Havana em 12 de maio, perdeu um marinheiro em 27 e outro no 1.º de junho. No dia 28 de junho entrou em Gibraltar, sendo-lhe imposta quarentena de quarenta dias. A 27 de julho mandaram para bordo dois guardas de saude, a 6 d'agosto o navio obteve livre pratica e a 29 a irmã d'um dos guardas, que vivia com elle, foi atacada de febre amarella. D'esta casa a doença propagou-se primeiro pelas pessoas que mais a frequentavam.

No *Meta*, tambem procedente da Havana, manifestaram-se durante a travessia alguns casos de febre amarella; cumpriu, porisso, uma quarentena de vinte e um dias o que não obistou a que, passado pouco tempo, a doença se declarasse em pessoas que foram a bordo, n'outras que haviam recebido objectos do navio e nas mulheres que lavaram roupas da tripulação.

Em 1839 observaram-se alguns casos de febre amarella a bordo do *Caravana*, em quarentena no porto de Brest; e, em 1845, o *Eclair* levava os germens da peste occidental até á ilha de Wight, contagiando um medico e um piloto que com elle communicaram.

pour observer l'épidémie de 1828. 2 v. Paris, 1830 (Cit de Bérenger-Féraud).

Epid. de
1850 e 1851
no Porto.

No outomno de 1850 deram-se no Porto cinco casos de febre amarella em guardas fiscaes que fizeram serviço a bordo do *Duarte IV*, chegado havia pouco tempo do Brazil. Em agosto do anno seguinte entrou no Douro a galera *Tentadora*, com quarenta e tantos dias de viagem desde o Rio de Janeiro, tendo-se registado a bordo durante a travessia alguns ataques de febre amarella. Fez quarentena de oito dias mas, depois de concedida a livre pratica, os guardas da alfandega e outras pessoas que communicaram com o navio manifestaram os symptomas do vomito negro. A doença passou á cidade e ia alastrando pelos bairros de Miragaia e Massarellos ao mesmo tempo que eram importados novos focos d'infeção. O *Duarte IV*, que no anno antecedente contagiara os guardas fiscaes, fundeou no Douro a 10 de setembro, registando-se durante a viagem alguns obitos de febre amarella. Dois guardas da alfandega que estacionaram a bordo enquanto o navio cumpria quarentena de dez dias foram acommettidos de febre amarella; e o mesmo aconteceu a outros guardas que fizeram serviço no *Duarte IV*, depois de concedida a livre pratica. O navio *Santa Cruz*, chegado do Brazil pouco tempo depois, contagiou da mesma maneira os empregados da alfandega. Nos navios *Alarm* e

Luçitania, ancorados junto do *Duarte IV e Tentadora*, observaram-se alguns casos de vomito negro. A epidemia prolongou-se até 2 d'outubro, contando-se uns 40 obitos, quasi todos de pessoas que communicaram com o navio (1).

Em 1852 manifestaram-se alguns casos de vomito negro em Southampton, importados pelos paquetes *Plata, Medwai, Orinoco, Magdalena*, etc.

Os brigues *S. Manuel 1.º e Monteiro I*, em viagem dos portos do Brazil, entraram a barra do Douro em meados de julho de 1856. Dias depois, davam-se alguns casos de febre amarella nos homens que trabalhavam na descarga dos navios e em guardas fiscaes e pessoas que a ella assistiam. A epidemia saltou ao bairro de Miragaia e foi caminhando com bastante celeridade, notando-se todavia que todos ou quasi todos os individuos atacados pertenciam á tripulação dos navios ou tinham frequentado os dois brigues. Como a epidemia não declinasse, o Conselho de saude resolveu tomar medidas energicas (3 de setembro), outr'ora muito em favor, mandando

Epid. de
1856 no Por-
to.

(1) A. C. Vieira de Meirelles, *loc cit.*; Dr. Bernardino Antonio Gomes. — *Aperçu historique sur les épidémies de cholera-morbus et de fièvre jaune en Portugal*, etc. Constantinople, 1866.

sahir a barra todos os navios suspeitos e submergir aquelles que o não pudessem ou quizessem fazer. Reclamaram e protestaram os commerciantes do Porto contra medidas tão violentas, mas o governo não cedeu, fazendo-as executar. Fôra do primitivo bairro infectado, apenas se deu um caso no largo de S. Domingos e outro n'um individuo em viagem para Villa do Conde, mas que morava em Miragaia. De julho a 2 de outubro, data da extincção da epidemia, tiveram a febre amarella 120 pessoas e morreram 63 (1).

Epid. de
1856 em Lis-
boa.

Este anno tambem Lisboa não foi poupada pelo typho icterico. A 26 d'agosto declarava-se o primeiro caso em Belem, n'uma mulher que residia n'um pateo contiguo ás cavalariças reaes. A doença percorreu depois toda a familia, composta de sete pessoas, communicou-se ás casas vizinhas e, pouco a pouco, propagou-se na direcção de Lisboa e ainda na de Pedrouços. Em 5 de setembro registava-se na capital, rua dos Cordoeiros, o primeiro obito de febre amarella e, em meados de dezembro, terminava a epidemia, depois de victimar 122 pessoas e attingir

(1) Dr. B. A. Gomes, *loc. cit.*; A. C. V. de Meirelles, *loc. cit.*

cerca de 1:000. E' muito obscura a origem d'esta epidemia. Attribuem-a alguns auctores a individuos que desembarcassem d'um navio do Brazil em quarentena e, outros, a objectos de contrabando que fossem recolhidos e occultos nas cavallariças reaes.

No anno seguinte (1857) desenvolveu-se em Lisboa uma grande epidemia de febre amarella, importada provavelmente do Brazil pelos paquetes que faziam carreira regular entre as duas nações. O primeiro atacado foi um guarda da alfandega (22 de julho), observando-se dias depois o segundo caso n'uma mulher vizinha d'outros guardas e que com elles mantinha relações. A doença continuou a manifestar-se nos empregados da alfandega, suas familias e nas pessoas que moravam em casas vizinhas ou que communicavam com as casas infectadas. Progredindo muito lentamente nos mezes de julho, agosto e parte de setembro, passando de casa a casa e de rua a rua, ou saltando d'um quarteirão a outro levada por objectos contaminados ou por pessoas que privavam com os doentes, a epidemia deu tempo a que se descobrissem quasi todos os fios conductores do contagio. No mez d'outubro a epidemia attingiu o periodo de fastigio, declinou no mez de novembro e extinguiu-se nos fins de dezembro. Em

Epid. de
1857 em Lis-
boa.

janeiro e fevereiro de 1858 ainda se deram onze obitos de febre amarella, mas espalhados por toda a cidade. Como em quasi todas as epidemias do typho americano, os bairros de população densa foram os mais experimentados, assim como maior contingente de victimas forneceram as classes mais expostas ao contagio, taes como, a dos medicos, enfermeiros, padres, lavadeiras, empregados do porto e da alfandega, serviçaes, etc. Calcula-se em cerca de 5:500 o numero dos mortos e em 15:000 o dos atacados.

O foco inicial d'esta epidemia parece dever localizar-se na casa das bagagens da alfandega. Foram, realmente, os guardas encarregados da fiscalização n'esta casa que a principio mais soffreram, sabendo-se mais tarde que nas bagagens tinha apparecido roupa conspurcada de sangue, vomitos e dejectos e exhalando tão mau cheiro que causava nauseas e calafrios. Alguns dos proprios guardas presentiram o perigo de tocar n'aquellas roupas, recusando-se porisso a continuar em serviço (1).

Febre amarella no Porto em 1858.

No Porto, em 1858, um guarda da alfandega de serviço na *Camponeza* foi atacado

(1) *Relatorio da epidemia de febre amarella em Lisboa no anno de 1857*, feito pelo Conselho Extraordinario de Saude Publica do Reino. Lisboa, 1859.

de febre amarella e morreu em 15 d'agosto. A *Camponeza*, vinda do Rio de Janeiro com carta suja, tinha feito quarentena de quinze dias em Vigo, não se manifestando durante o impedimento nenhum caso suspeito. Um facto analogo aconteceu com o navio *Dois Amigos* que, depois d'uma quarentena de trinta dias em Lisboa, seguiu para Ponta Delgada, manifestando-se alli a febre amarella em dois tripulantes.

Mais interessantes ainda são os casos observados no mesmo anno a bordo de dois navios hespanhoes. O *Isabel II*, procedente da Havana, depois de quarentena em Vigo e d'uma viagem de dois mezes pelos principaes portos de Hespanha, entrou no porto de Ferrol e só então se declarou a febre amarella n'um marinheiro. De 31 de julho a 7 d'agosto registaram-se mais sete casos, o navio voltou em quarentena para Vigo, dando-se alli ainda outros casos.

O *General Laborde*, da mesma procedencia, entrou em Vigo no dia 7 de julho, fez quarentena, percorreu depois varios portos de Hespanha sem accusar doença suspeita, fundeou em Cadiz a 11 de setembro e a 21 do mesmo mez contagiou um guarda do arsenal. De regresso a Vigo manifestaram-se a bordo mais tres casos de febre amarella.

Febre amarella a bordo do *Isabel II* e do *General Laborde*.

Ep. de 1860
no Porto.

Em 1860 a febre amarella alcançou outra vez o Porto. O primeiro atacado (22 de julho) foi um guarda de serviço no *Flor do Porto*, chegado havia pouco do Rio de Janeiro. Quando se procedia á descarga, mais seis guardas contrahiram a doença, depois deram-se tres casos em operarios das obras da alfandega e por fim appareceram dois casos suspeitos, tambem em guardas da alfandega (1).

Ep. de 1861
em Saint-Na-
zaire.

A epidemia de 1861 em Saint-Nazaire, que Mélier fez conhecer em todas as suas particularidades, não offerece novos ensinamentos. O navio *Anne-Marie*, em viagem da Havana, trazendo carta suja, fundeou em Saint-Nazaire a 25 de julho. Depois de tres dias de quarentena, a tripulação desembarcou e foi substituida por dezeseite homens que logo se empregaram na descarga do navio. No dia 2 d'agosto, o immediato, que ficara a bordo, foi acommettido de febre amarella. Nos dias seguintes, a doença attingiu algumas mulheres que communicaram com os marinheiros desembarcados; e, dos dezeseite descarregadores, treze não escaparam á infecção e nove succumbiram. Junto do *Anne-Marie* ancoravam os navios *Chastang*, *Cormoran*, *Lorient*, *Dardanelles* e *Arequipa*; em todos se decla-

(1) A. C. V. de Meirelles, *loc. cit*

rou a febre amarella, fazendo bastantes victimas. Averiguou-se mais tarde que a tripulação d'alguns d'estes navios tinha estado a bordo do *Anne-Marie*. Outros navios, da mesma procedencia, que faziam quarentena em Saint-Nazaire, tambem forneceram alguns casos de febre amarella.

Em 1865 a febre amarella foi levada da Havana a Swansea (Inglaterra) pelo navio *Hecla*. Este navio, com a febre amarella a bordo, logo depois de fundear (9 de setembro), mandou para terra tres doentes, um já moribundo e dois convalescentes; a descarga começou immediatamente e continuou até 15 do mesmo mez mas, como então os ataques de typho icteroides se repetissem com mais frequencia, a população sobresaltou-se, as reclamações succederam-se e o *Hecla* teve de se affastar do porto (1).

Ep. de 1865
em Swansea.

Nos primeiros dias d'agosto de 1870, o navio *Maria*, chegado da Havana, importou a febre amarella em Barcelona. D'esta cidade a epidemia irradiou para diversas localidades, ganhou por via maritima Valencia, Alicante e Palma, e propagou-se até para o interior, observando-se alguns casos em Madrid. Esta

Ep. de 1870
em Barcelona.

(1) J. Simon. — *Public health reports*. Vol. 1. London, 1887.

epidemia, que causara 2:658 obitos, terminou para os fins de novembro.

Ep. a bordo do *Maria da Gloria*.

O facto citado por Jaccoud (1), relativo ao navio portuguez *Maria da Gloria*, merece que aqui o registemos. Aquelle navio, infectado no porto do Rio de Janeiro durante a epidemia de 1874, partiu para a Europa, e na viagem, a febre amarella reinou a bordo. Fez quarentena em Lisboa e, depois d'algumas semanas de demora, voltou para o Rio; ora, pelas alturas do equador desenvolveu-se a bordo uma epidemia severa, que só se extinguiu no porto do destino.

Ep. de 1878 em Madrid.

Em setembro e outubro de 1878 grassou em Madrid uma pequena epidemia de febre amarella, importada por soldados que, de regresso de Cuba, desembarcaram em Santander e seguiram immediatamente para a capital. O numero de atacados foi de cerca de 50 e o de mortos de 37. Tambem n'este anno se observou em Londres, cremos que pela primeira vez, um caso de febre amarella em um recém-chegado da America.

Febre amarella em Pedrouços, em 1879.

No anno seguinte signalaram-se em Pedrouços dois casos de febre amarella, sobre os quaes se levantou larga discussão. A 7 de junho entrou no Tejo a barca *Imogene*, pro-

(1) Jaccoud.—*Path. int.*

cedente do Rio de Janeiro, com sessenta dias de viagem. Durante a travessia falleceram doze pessoas de febre amarella. Sendo-lhe imposta quarentena de rigor, os passageiros da *Imogene* recolheram-se ao lazareto e as bagagens foram beneficiadas; os tripulantes cumpriram a quarentena a bordo, procedendo-se tambem desde logo ás operações de desinfecção do navio. No dia 10 (3.º da quarentena) entraram para o navio dois trabalhadores que, devida ou indevidamente, obtiveram livre pratica no dia 15, ao mesmo tempo que os tripulantes. Pouco depois, os dois homens tiveram a febre amarella em Pedrouços e um d'elles succumbiu. Manifestaram-se mais tarde alguns casos suspeitos mas, sobre o seu diagnostico, divergiram as opiniões (1).

Registemos ainda alguns casos de febre amarella observados em 1881 nos lazaretos de Pauillac e de Mindin, em 1883 no porto de Barcelona, em operarios empregados na descarga do navio *San-José*, etc.

(1) J. T. de Souza Martins.—*A febre amarella importada pela barca Imogene em 1879*. Lisboa, 1880.

Sobre a febre amarella de Pedrouços existem outros trabalhos e, entre elles, um muito notavel, segundo affirma Bérenger-Féraud, devido aos professores srs. M. da Silva Amado, M. J. Ferraz de Macedo e M. Manuel de Betten-court-Pitta, que não pudemos consultar.

*

* *

Focos en-
demicos da
febre ama-
rella.

Actuaes focos endemicos da febre amarella.

— «O grande circo das Antilhas, compreendendo n'elle a costa meridional da America do norte e a costa septentrional da America do sul póde considerar-se, debaixo do ponto de vista da policia sanitaria europêa, como o paiz amarillogeneo» (Bérenger-Féraud). No Brazil, o limite sul da zona d'endemicidade de febre amarella é, proximamente, o Rio de Janeiro.

IV

Noções geraes sobre a etiologia da febre amarella debaixo do ponto de vista da prophylaxia epidemica

I—*O agente etiologico da febre amarella é um micro-organismo, provavelmente da classe das bacterias.*

O agente etiologico da febre amarella.

Não julgamos necessario insistir sobre as numerosas razões que tornam indiscutivel a natureza infectuosa da febre amarella. Em contraste com a evidencia d'este facto, que a auzencia da prova directa nunca poderá abalar, quanto não é duvidosa, obscura e cheia de incidentes contradictorios a questão do micro-organismo especifico do vomito negro!

Desde Chervin, que toda a vida advogou com entusiasmo a theoria malarica do typho americano, até ás recentes investigações de

Sanarelli (1) e Havelburg (2), deparamos com uma longa serie d'observadores illustres que se exforçaram por descobrir o microbio icteroide. Estes trabalhos bacteriologicos, subscriptos por Jones, Richardson, Capitan e Charrin, Freire, Lacerda, Cornil e Babès, Rangé, etc., ainda que muito valiosos e, quaesquer que sejam as pretensões dos seus auctores, devem considerar-se, segundo a opinião geral dos pathologistas, como outras tantas tentativas infructiferas da descoberta do micro-organismo icteroide.

E o que diremos dos bacillos recentemente isolados por Sanarelli e Havelburg? Representará algum d'elles o verdadeiro agente causal da febre amarella?

Pelo que conhecemos dos trabalhos experimentaes executados por Sanarelli e Havelburg parece-nos prematura qualquer opinião decisiva sobre as funcções pathogenicas dos referidos bacillos; cada um d'aquelles bacteriologistas reuniu elementos apenas para conjecturar e não para affirmar a descoberta do bacillo da febre amarella. Esperando que em breve se resolva definitivamente o problema

(1) J. Sanarelli. — *Le bacille de la fièvre jaune. Semaine méd.*, juillet, 1897.

(2) W. Havelburg. — *Ann. de l'Inst. Pasteur*, juillet, 1897.

microbiologico da etiologia do vomito negro, até então só poderemos recorrer a factos d'outra ordem que, como vamos vêr, são bastante instructivos.

II— *Nos paizes indemnes, a febre amarella sómente pôde desenvolver-se quando importada d'uma região infectada.*

Origem exotica da febre amarella.

Não era propriamente em terra firme mas a bordo dos navios que, segundo Andouard, Pym, etc., a febre amarella se desenvolveria *expontaneamente*, isto é, na auzencia de qualquer communicação suspeita. Esta origem expontanea do *typho nautico*, por muitos exemplos que se invocassem em seu favor, depressa foi abandonada: os casos que se referiam, entre os quaes se incluia o do navio portuguez *Maria da Gloria* (1), explicavam-se perfeitamente pela longa vitalidade dos germens icteroides. A persistencia dos germens em estado latente a bordo dos navios e em terra pôde prolongar-se durante muito tempo, como se verificou nas epidemias de 1801 em Medina-Sidonia; de 1823 em *las Passages*, de 1858 a bordo do *Isabel II* e do *General Laborde*, etc.; d'onde, sem insistir n'este momento nas condições que

(1) Vid. pag. 80.

favorecem aquella persistencia do virus, concluiremos que,

III—*As procedências d'uma localidade anteriormente infectada de febre amarella, ainda alguns mezes (pelo menos) depois d'extincta a epidemia, podem vehicular os germens icteroides.*

Para que a febre amarella se declare n'um paiz indemne torna-se necessario, pois, que os germens morbigenos sejam importados d'uma região infectada; vejamos, porisso, agora quaes são os agentes d'essa importação.

Transmis-
são da febre
amarella pe-
los doentes.

IV—*Os doentes de febre amarella, recém-chegados a um paiz indemne, originam frequentemente o desenvolvimento d'uma epidemia.*

Das epidemias assim importadas, o leitor encontrará no resumo historico precedente a referencia d'algumas, como a de 1741 em Malaga, a de 1801 em Medina, a de 1804 em Antequera, a de 1821 em Palma, a de 1865 em Swansea, etc.

Transmis-
são da f. a.
pelo homem
em estado de
saude.

V—*O homem em estado de saude, mas procedente d'uma região infectada, pôde importar a febre amarella n'um paiz indemne.*

Algumas considerações que mais adeante fazemos sobre a propagação da cholera por esta fórma applicam-se, semelhantemente, á

febre amarella; não as reproduziremos, pois, n'este logar. Mas, além das considerações d'ordem theorica, não faltam os factos que demonstrem a verdade d'aquella proposição: a epidemia de 1763 em Cadiz, de 1800 em Cordova, de 1878 em Madrid, etc., constituem outros tantos exemplos d'importação da febre amarella por pessoas saudaveis. Emquanto não se conhecer o agente especifico do vomito negro, difficilmente poderemos averiguar d'uma maneira positiva se em taes circumstancias os germens icteroides foram vehiculados nos vestuarios ou se pelos proprios individuos.

VI — *Os objectos procedentes d'uma região infectada, especialmente os mais expostos a conspurcação pelos doentes (roupas, etc.), ou a contaminação pelas poeiras (lãs, etc.), são perigosos agentes d'importação da febre amarella.*

Transmis-
são da f. a.
pelos obje-
ctos.

Este modo d'importação do vomito negro é de certo o que mais vezes se realiza; em Portugal parece não se conhecer mesmo nenhuma epidemia que tivesse outra origem. Todos os objectos, desde as pedras e a terra de lastro dos navios, como aconteceu com o *Colorado* e o *Vermout*, até ás cartas do correio, são susceptiveis de vehicular os germens icteroides; entretanto, o maior risco d'import-

tação advem das roupas conspurcadas pelos vomitos e dejectos dos doentes. Passados mezes e até annos depois d'infectadas, as roupas dos doentes, principalmente quando subtrahidas á acção da luz e do ar, contagiam as pessoas que lhes tocam. Uma mala com roupas d'um tal Lane, victima da epidemia de 1853 em Pensacola (Florida), foi aberta em Brocklin sómente em 1855; entretanto, seis das pessoas que assistiram á abertura da mala contrahiram a febre amarella. Em 1856, d'um navio em quarentena no lazareto de Nova-York lançaram ao mar os fatos e roupas dos homens mortos de febre amarella; alguns d'esses objectos foram parar a Ridge-Bay, praia situada a mais d'uma milha, do outro lado da bahia, e contagiaram o coronel Prince que, n'uma manhã de passeio, lhes tocara com a ponta da bengala. No inverno de 1873 um anatomo-pathologista, estudando as evacuações icteroides, contrahiu em Paris o typho americano; e, na mesma cidade, dez annos mais tarde, era um diplomata que cahia doente depois de receber a correspondencia postal que partira do Brazil na occasião em que allí reinava uma violenta epidemia.

Muitas vezes os objectos contaminados não chegam a entrar n'um paiz e comtudo

infectam-o por intermedio das pessoas que vão a bordo dos navios ancorados nos portos ou com elles communicam no alto mar. Exemplos nitidos d'este modo d'importação fornecem-os as epidemias de 1828 em Gibraltar, de 1804 em Ayamonte, etc.

VII—*O ar é um dos principaes vehiculos de diffusão dos germens icteroides.*

Transmis-
são da f. a.
pelo ar.

A transmissão da febre amarella pelo ar, ao contrario do que succede com a cholera, tem sido verificada d'uma maneira constante em todas as epidemias de certa extensão. Depois do contagio por contacto directo ou indirecto com os doentes, é por intermedio do ar que mais frequentemente se propaga o typho americano. Para contrahir a infecção basta muitas vezes a aproximação d'um doente, entrar n'uma casa anteriormente contaminada, atravessar rapidamente um navio de procedencia suspeita, passar por uma rua ou bairro em que grasse o vomito negro, etc. A disseminação da doença por esta fórma silenciosa, impalpavel, suggeria a Mazet, pouco antes da morte, a seguinte exclamação: « Que veneno tão subtil! »

A que distancia, porém, podem os germens icteroides ser levados pelo ar? Os auctores não estão d'accordo sobre a distancia maxima

a que a febre amarella se transmite pelo ar. Os factos que apoiam o contagio a grandes distancias, observados nos portos de Vera-Cruz, Havana, Rio de Janeiro, Nova-York, etc., não merecem inteiro credito; em taes circumstancias não deve abstrahir-se das communicações illicitas com os navios em quarentena, de que a historia da epidemiologia fornece tantos exemplos.

Nos portos europeus citam-se tambem raros casos d'infecção a distancia, que acolhemos com a maior reserva. Mencionemos os dois mais notaveis. No lazareto de Pomègue, em setembro de 1821, o *Nicolino*, com a febre amarella a bordo, infectou dezeseis navios, egualmente impedidos, de quarenta e dois que estavam fundeados no porto; as communicações entre os navios eram impossiveis, segundo se affirma, porque os guardas de saude estavam a bordo e as lanchas permaneciam içadas, fóra da agua. Os navios contagiados ficavam a S.-O e S.-E do *Nicolino*, notando-se que ao tempo em que se deu o contagio o vento correa principalmente n'aquelles dois sentidos; d'aquelles navios, o mais afastado, distava do *Nicolino* cerca de 100 metros.

Na epidemia de 1861 em Saint-Nazaire, um pedreiro que trabalhava no caes a uma distancia de 220 metros do *Anne-Marie*, navio impor-

tador da doença, contrahiu a febre amarella; e, outros navios, ancorados junto d'aquelle, tambem não foram poupados, sem que chegasse a descobrir-se que as tripulações *de alguns* communicassem com o foco icteroide. Note-se que o *Anne-Marie* apenas cumpriu quarentena de tres dias e estava já em descarga quando se declararam estes casos de febre amarella.

O transporte ao longe dos germens icteroides pelo ar, mal assegurado por estes raros e duvidosos exemplos, está em formal contradicção com o valor prophylactico do isolamento durante as epidemias. Em Barcelona, em Lisboa e em todas as cidades visitadas pelo typho americano sempre se verificou o alto valor preservativo do isolamento nas casas, conventos, navios, etc.

VIII— *A agua não parece representar um papel importante na transmissão da febre amarella.*

Transmis-
são da f. a.
pela agua.

N'uma infecção que compromette tão accentuadamente o apparelho digestivo e offerece tantas analogias com a cholera e a febre typhoide, mal se comprehende que a agua não contribua d'uma maneira notavel para a sua propagação; entretanto, é esta a opinião geral dos auctores, baseada na observação,

já hoje secular, da marcha de centenas de epidemias.

Mais para extranhar ainda é que alguns factos da historia da febre amarella tendem a demonstrar que os germens icteroides resistem por bastante tempo á acção da agua; o caso que atraz citamos, succedido no porto de Nova-York, prova que as roupas infectadas, depois de mergulharem durante dias na agua do mar, contagiaram uma pessoa que apenas lhes tocara com a ponta da bengala; na agua do rio, as mercadorias ahi lançadas de bordo d'um navio a fim de as beneficiar, levaram a doença a outro navio que as recolhera a jusante. Como comprehender, pois, que os germens da febre amarella, tão profusamente disseminados em occasião de grandes epidemias, não inquinem com frequencia a agua, se este meio lhes proporciona condições de vitalidade?

Talvez que novas investigações, especialmente depois de descoberto o bacillo icteroide, venham condemnar a opinião, hoje corrente, sobre o papel representado pela agua na propagação da doença. N'este sentido fallam alguns factos d'observação recente, como o relativo ao vapor *Corrientes* que, permanecendo em Santos durante quinze dias, quando uma epidemia de febre amarella fazia diaria-

mente muitas victimas na cidade e nos navios do porto, conservou-se todavia indemne da doença, devido verosimilmente, segundo Schoofe, a que a bordo bebia-se apenas agua destillada.

Para que a febre amarella se desenvolva fóra dos seus focos endemicos a condição essencial é, como vimos, a importação dos germens icteroides; mas, para que a doença alastre epidemicamente torna-se necessario, além d'isso, o concurso d'outras circumstancias.

IX — *A febre amarella exige uma temperatura superior em media a 20° ou 22° para se desenvolver epidemicamente.*

Temperatura necessaria ao desenvolvimento da f. a.

As opiniões divergem bastante relativamente ao limite minimo de temperatura necessario á diffusão epidemica do typho americano; fixando o de 20° a 22°, conformamo-nos com a de Bérenger-Féraud, que, além d'emanar d'uma auctoridade respeitavel, pareceu-nos corresponder melhor aos factos até hoje observados. Abaixo d'aquelle limite, a importação dos germens icteroides póde dar logar apenas a casos isolados ou a pequenas epidemias; mas, quando uma epidemia reine desde algum tempo, a descida da tem-

peratura, mesmo a 0°, nem sempre suspende a sua marcha. O desenvolvimento d'uma epidemia carece, pois, d'um grau de temperatura superior ao que necessita a sua manutenção; a esta differença, difficilmente explicavel, attribue Bérenger-Féraud as divergencias a que ha pouco nos referimos.

Debaixo do ponto de vista da temperatura, o nosso paiz marca no littoral europeu o limite geographico da zona susceptivel das grandes epidemias: ao norte de Lisboa, a temperatura média do verão meteorologico é inferior (nas proximidades do mar) aos limites acima fixados e tambem, até hoje, não ha noticia d'uma unica epidemia importante no littoral portuguez, hespanhol, francez e inglez; em Lisboa, só muito excepcionalmente a temperatura média do verão excede 20° a 21°; ao sul de Lisboa, especialmente no littoral hespanhol do Mediterraneo, a temperatura é muito mais elevada mas tambem as grandes epidemias ahi se repetiram numerosas vezes.

Distribuição geographica da f. a.

X — *As epidemias de febre amarella observam-se quasi exclusivamente nas regiões vizinhas do mar e do estuario dos grandes rios.*

Das doenças susceptiveis de gerar as grandes epidemias, é a febre amarella a que revela um dominio geographico mais caracteristico.

Os germens icteroides mostram uma preferencia notavel pelas localidades proximas do mar ou de grandes rios e só muito excepcionalmente fazem as suas excursões pelo interior dos continentes, como nas epidemias de Cordova e Madrid. Esta distribuição geographica, tão systematica, não obedece, como alguns auctores pretendem, a que no littoral se encontram os centros populosos e é alli que os interesses commerciaes reúnem os homens e as mercadorias de todas as procedencias; se tal fosse a razão do facto, como explicar que com a cholera e a peste não succeda o mesmo? Pois não vemos nós frequentemente a febre amarella percorrer uma grande extensão de littoral, attingindo povoações, quasi isoladas, emquanto que poupa as cidades do interior intimamente relacionadas com os portos commerciaes?

XI— « *As epidemias de febre amarella têm uma predilecção muito notavel pelas localidades em que a população é densa* » (Bérenger-Féraud).

A febre amarella é essencialmente uma doença propria das cidades maritimas. Em toda a historia da doença apenas se encontram rarissimos exemplos de disseminação epidemica pelas aldeias e, ainda em taes

exemplos, o numero de atacados reduziu-se a diminutas proporções. Esta predilecção da febre amarella pelos centros de população densa depende necessariamente da facilidade da sua transmissão por contacto directo com os doentes, pelo ar a pequenas distancias, etc., assim como, provavelmente, d'outras propriedades biologicas dos germens icteroides, ainda ignoradas.

V

Resumo historico das epidemias
de cholera-morbus

A cholera asiatica não foi observada na Europa antes do seculo actual. As descripções de todos os auctores, antigos e modernos (1), invocadas para demonstrar que a cholera-morbus existiu na Europa antes de 1823, referem-se positivamente á cholera-nstras.

A cholera morbus não existia na Europa antes do seculo actual.

Na Asia, porém, parece que a cholera reina desde remotas eras. Em livros chinezes muito antigos, talvez anteriores ao seculo de Hippocrates, e n'outros mais modernos de auctores hindús, descreve-se a doença mas

A cholera na India antes de 1817.

(1) Nos *Annals of cholera*, de Macpherson, encontram-se analysadas essas descripções de Hippocrates, Celsus, Cœlius Aurelianus, Aretæus, Galeno, Aëtius, Alexandre de Trales, Avicenna, Averrhões, Mercurialis, Sydenham, Morton, Van Switen, etc., etc.

sem se alludir ás suas manifestações epidêmicas; portanto, embora deva presumir-se que n'elles se trata da cholera-morbus, não pôde todavia excluir-se, d'uma maneira absoluta, a cholera-nostras.

A primeira narração d'uma epidemia de cholera na India pertence a Gaspar Corrêa (*Lendas da India*). Além d'esta epidemia que, em 1503, dizimou o exercito de Samorim, o auctor dá noticia d'outra que lavrou em Gôa (1543) com grande violencia. Na epidemia de 1543 os medicos portuguezes autopsiaram o cadaver d'um cholerico na esperança de colherem indicações para o tratamento da doença.

Em 1563, Garcia da Horta, medico portuguez, publicou um tratado das doenças indianas (1), onde se lê a mais antiga descrição medica da cholera-morbus, tão exacta e completa que, até ao principio do seculo actual, não se encontra outra que a exceda. Foi este o primeiro livro que se imprimiu em Gôa (e em toda a India), assim como foi Garcia da Horta o primeiro auctor europeu que escreveu um tratado das doenças d'aquella região.

(1) *Aromatum et Simplicium aliquot Medicamentorum apud Indos nascentium Historia*. Garcia ab Horto, Auctore.

Desde 1503 até 1817 a cholera tem-se manifestado no Oriente com bastante frequência, como pôde ver-se no seguinte quadro chronologico, em que se indicam tambem as localidades infectadas e o nome dos auctores que a signalaram (1):

Quadro chronologico da peste no Oriente desde 1503 até 1817 (2)

Annos	Localidades	Auctores
> 1503.....	Calicut (proxim.)....	G. Corrêa.
> 1543.....	Goa	"
1563.....	"	G. da Horta.
1577.....	Canara	C. Costa.
1580.....	Goa	Le Blanc.
1589.....	"	Linschott.
1621.....	Sumatra	Beaulieu.
< 1629.....	Java	Bontius.
1631.....	Batavia	"
1632.....	India, Arabia e Mauritania	Lacutus L.
1639.....	Goa	Mandelsloe.
< 1661.....	Mewar	Coronel Tod.
1666.....	Entre Surat e Boorampore	Thevenot.

(1) O signal > indica as epidemias maiores; o signal <, as epidemias menores; nos annos que não são precedidos de nenhum signal, a doença existia na respectiva localidade, mas não sob a fórma epidemica ou, pelo menos, sem que os auctores alludissem a qualquer epidemia.

(2) J. Macpherson.—*Annals of cholera from the earliest periods to the year 1817*. London, 1884. (Modificamos o quadro chronologico apresentado por Macpherson com indicações colhidas n'outros auctores).

Annos	Localidades	Auctores
1674.....	Surat	Fryer.
1676.....	Goa e India occid. . .	Dellon.
1679.. . .	India (littoral).....	Rhyne.
1680.....	China	Cleyer.
< 1681-2...	Marwar	Coronel Tod.
< 1683-4...	Goa, Surat	"
1684.....	Japão.....	Kaempfer.
< 1689.....	Java	Homberg.
1690.....	Surat	Ovington.
1695.....	Damão	Carrer.
1703.....	Madura, India (litt.).	Martin.
1703.....	Bengala.....	Luillier.
1709.....	"	Papin.
1726.....	Goa	Valentyn.
1733.....	Madrasta.....	Arbuthnott.
1736.....	India	Paxman.
1750-64..	Bombaim, Costa do Malabar	Grose.
< 1756.....	Esquadra ing. da Ind.	Johnson.
< 1756.....	Arcot	Madras Report.
> 1757.....	Tinnevelly	Orme.
< 1761-3...	Arabia.....	Niebuhr.
1766.....	India, China.....	Wänmann.
1769.....	Pondichery	Gentil.
> 1768-9...	" , India (lit- toral)	Sonnerat.
< 1769-71...	Amburpet, Arcot ...	Madras Report.
< 1772.....	Bombaim	Clark.
< 1774.....	Madrasta	Paisley.
< 1775.....	Mauricia	Burke.
1776.....	Costa de Malabar... ..	Fontana.
1778.....	"	Bartholomeu.
< 1778-9...	Costa de Coromandel	Sonnerat.
< 1779.....	Bundlecund	Bengal Report.
1779.....	Calcutta	Impey.
1780.....	India	Lind.
1780.....	Tranquebar	Folly.
> 1781.....	Calcutta, Garyam... ..	Hastings.
1781.....	India (sul).....	Hirsch.

Annos	Localidades	Auctores
< 1782.....	Madrasta, Trincomalee	Curtis.
1782.....	Tranquebar	König.
> 1782.....	Costa de Malabar...	Bartholomeu.
1782.....	Cochim	"
1782.....	Bombaim	Clark.
> 1783.....	Madrasta (littoral) ..	Madras Report.
< 1783.....	Travancore	Hay.
> 1783.....	Hurdwar	Bengal Report.
< 1787-8-9.	Vellore e Arcot	Madras Report.
< 1789.....	Bellary	"
< 1789.....	Batavia	Jornaes hollandezes.
< 1790.....	Chilka (proxim.)....	Bengal Report.
> 1792.....	Travancore	Hay.
> 1794.....	Mewar, Mahratta ...	Tod.
1794.....	Thanah	Jukes.
< 1797.....	Burisal.....	Taylor.
1802.....	India	Jameson.
< 1804.....	Trincomalee	Johnson.
< 1808-13 ..	Bengala, Chunar....	Maçnamara.
< 1814.....	Jaulnah	Madras Report.
1815-16 ..	Calcutta	Bengal Report.
< 1816.....	Puneah	Jornaes de Calcutta.
> 1817.....	India	Bengal Report.

Desde o seculo xvi até 1817 a cholera reinou, pois, no Oriente d'uma maneira ininterrupta; mas, antes de 1817 não ha noticia de uma unica pandemia de cholera e a doença, embora mortifera, parece que nunca attingiu o elevado grau de mortalidade mais tarde observada. Os clinicos da epocha chegam a affirmar que a cholera da India, tratada a tempo, não offerencia maior gravidade que a da Europa.

A cholera antes e depois de 1817.

A partir de 1817 os germens cholericos adquiriram uma expansibilidade extraordinaria e, ao mesmo tempo, redobram de malignidade. Tão profunda foi esta transformação do character epidemico da cholera que n'ella se baseam alguns auctores para affirmarem que, antes de 1817, apenas se conhecia na India a cholera-nostras. A que attribuir tão radical transformação? Que influencias incidiriam sobre os germens cholericos para exaltarem, d'uma maneira permanente, a sua virulencia? Ou que condições influiriam na especie humana para ella reagir d'uma maneira differente ao virus cholericico? E' este um problema d'epidemiologia que de certo esperará longos annos por uma solução satisfactoria.

1.^a epidemia de cholera na Europa (1823).

O poder d'expansão ganho pela cholera em 1817 traduziu-se logo n'uma grande epidemia que veio extinguir-se em 1823 ás portas da Europa, no Astrakan. Partindo não de Jessore, como muitos opinam, mas d'uma região mais ao Norte, talvez de Purneah, a cholera alastrou pelo Indostão, propagou-se depois para o Oriente, invadindo a China, as Philippinas, etc., e, ao mesmo tempo, avançava para o Occidente, mas lentamente, quando navios inglezes, em 1821, a conduziram d'um jacto até ao littoral da Arabia e a algumas cidades

do sul da Persia. A corrente epidemica seguiu depois duas direcções differentes: por Diar-bekir, alcançou a costa da Syria, Smyrna, Alexandria, etc.; pela via septentrional, penetrou nas provincias de Ghilan e Mazanderan e, caminhando pelo littoral do Caspio, assaltou successivamente Recht, Astara, Lenkoran, Salian, Baku e, enfim, Astrakan (setembro de 1823).

A Europa, attingida em 1823 apenas no extremo Oriente, não tardou muito a ser totalmente invadida pela cholera. Em 1829, uma epidemia de cholera, vinda de Bengalá pelo Afghanistan, entrou na Persia pela fronteira oriental, devastou Ghilan e Mazanderan, dividindo-se depois em duas correntes: pelo Sul ganhou Mécca, a Syria, Trebizonda, o Egypto, Tripoli e a Turquia da Europa; pelo Norte, correu o littoral do Caspio e alcançou a Russia não só por Salian, Baku, Kouba, Derbent e Astrakan, como pelo valle do Kura, Elisabethpol e Tiflis, espalhando-se depois pela região caucasica.

Em 1830 alastrou pela Russia e em 1831 communicou-se á Polonia, Austria-Hungria, Prussia, Finlandia e Inglaterra. N'este ultimo paiz, os primeiros casos declararam-se em Sunderland, pela maior parte em individuos de profissão maritima, nos fins de julho e prin-

2.^a epid. de chol. na Europa (1830-37).

Epid. de 1830 na Inglaterra.

cipios d'agosto. Relativamente ao modo de importação, diz Creighton: «The way by which the virus entered Sunderland was never traced. It was known, however, that deaths from cholera had occurred among the crews of Sunderland ships lying at Cronstadt and Riga; and as it was the practice for vessels owned in Sunderland to come home from their summer trading towards the end of the season, so as to lay up during the winter, it was suspected that the clothes of some of the dead men had been brought over and sent ashore» (1). Em janeiro de 1832 a cholera passou á Escocia, acommettendo em primeiro logar um marinheiro desempregado e um caixeiro-viajante, procedente de localidades infectadas.

Da Inglaterra a epidemia saltou em 1832 á França por Calais e, á America, por Quebec e Nova-Orleans; a Belgica e a Hollanda tambem não escaparam ao flagello.

Epid. de
1833 em Por-
tugal.

Em janeiro de 1833, o *London Merchant*, procedente de Ostende e Falmouth, com a cholera a bordo, desembarcou na Foz o general Solignac e uns duzentos belgas que vinham servir no exercito de D. Pedro. O in-

(1) C. Creighton. — *A history of epidemics in Britain*. Vol. II, Cambridge, 1894.

spector de saude do exercito, que tinha ordem expressa para impedir o desembarque no caso de se confirmarem as informações que havia sobre o mau estado sanitario do navio, auctorisou-o, todavia, por julgar que se tratava apenas de doença originada na penuria da alimentação e de vestuario, na falta de limpeza e no estado moral dos expedicionarios. Transportados os cholericos para a cidade, deram entrada no hospital do Anjo, mas logo foram removidos para a Foz, pelo diagnostico se impor claramente, mesmo a quem nunca tinha observado a doença. A cholera começou então a desenvolver-se na Foz, invadiu o Porto saltando a Miragaia e S. Nicolau, communicou-se aos hospitaes militares estabelecidos na freguezia da Victoria e retrocedeu depois aos bairros de Massarellos e Lordello. Em fevereiro a epidemia tomou grande incremento, compromettendo quasi toda a cidade; depois, ou fosse em virtude das medidas sanitarias adoptadas ou devido a outras circumstancias indeterminadas, o numero de atacados decresceu successivamente até ao meiado d'abril para, em seguida, manifestar nova recrudesencia que se accentuou particularmente em junho. Para os fins d'agosto terminou a epidemia, tendo causado na cidade 3.621 obitos.

Em fevereiro do mesmo anno deram-se alguns casos de cholera em Aveiro e n'outras localidades e, em principios d'abril, Lisboa era attingida. « Nous ne tenons pas le fil de cette propagation à Lisbonne et à Aveiro . . . Il est cependant certain, que cette ville (Lisboa), en rapport avec tous les ports de l'Europe, n'était pas moins exposée que celle de Porto aux invasions de la maladie, et que par mer les relations de la ville assiégée avec celle de Lisbonne et avec Aveiro n'étaient pas tout-à-fait interrompues » (1). A epidemia aturou em Lisboa até fins de novembro e d'ella falleceram para cima de 1:200 pessoas.

O corpo expedicionario que, sob o commando do Duque da Terceira, desembarcou em Cacella, e se dirigiu sobre Lisboa, contaminou as provincias do Algarve e do Alemtejo; e o exercito de D. Miguel, que da capital seguiu para o Porto, disseminou a cholera pela Extremadura e Beira Baixa. As provincias poupadas por estas marchas e contra-marchas marciaes,—Traz-os-Montes, Minho e Beira Alta, tambem o foram pela doença. Não é menos digno de registrar-se o facto da

(1) Dr. Bernardino Antonio Gomes.—*Aperçu historique sur les épidémies de cholera-morbus et de fièvre jaune em Portugal*. Constantinople, 1866.

epidemia não se communicar da cidade sitiada ao exercito sitiante.

A cholera foi importada em Vigo quasi ao mesmo tempo que no Porto. D'aquelle foco d'infeccão e talvez tambem d'alguns pontos de Portugal, irradiou em Hespanha e generalizou-se rapidamente em virtude da mobilização do exercito d'observação que o paiz vizinho mantinha nas nossas fronteiras. Dos portos do sul d'Hespanha, saltou á Algeria em 1834, não se demorando em cruzar de novo o Mediterraneo e aportar a Marselha, assolando a França meridional. Marselha recebeu ainda a visita da cholera em 1837, devido ás suas relações com os portos italianos, então infectados. Foi na Algeria que nos fins de 1837 se apagaram os ultimos lampejos d'esta grande epidemia (Briquet) (1).

Epid. de
1833 em Hes-
panha.

Até 1847 a cholera não alcançou mais a Europa, mas no Oriente continuou a reinar com a sua persistencia habitual. Em 1840, epidemias mortiferas pesavam sobre as populações de Cuttack, Berhampur, Dinapur, Ghazipur e d'algumas cidades chinezas; em 1841, de Puri e Jessore, que acommetteu com vio-

3.^a epid.
de cholera na
Europa (1.^o
periodo,
1847-50.)

(1) Nos dois annos seguintes ainda se observaram na Europa alguns casos de cholera, mas em regiões limitadas, sem que a doença manifestasse tendencias para alastrar epidemicamente.

lência, a cholera propagou-se a Bhagalpur, Monghyr, Allahabad e Lucknou; em 1842, foi nos seus focos endemicos que mais se fez sentir e, em 1843, uma epidemia severa devastou Agra; em 1844, visitou Kabul, Balkh, Bokara, Samartharsd e, em 1845, depois de assolar Meerut, Delhi, Scinde, Karachi, Kandahar e cobrir todo o Afghanistan, entrou na Persia por Marwer e Mesched. Como nas epidemias anteriores, a cholera seguiu então varios rumos. Pelo Norte avançou sobre Baku, Derbent, Kisliar e dizimou os Calmucos que a dispersaram até ás margens do Volga; e, na mesma direcção, mas por outra via, atravessou o Caucaso a uma altitude de 7:000 pés, pela estrada militar que conduz de Tiflis a Stravapol. Pelo Occidente, de Tiflis ganhou Kuttais e Trebizonda. Em 1847 e 1848 a cholera proseguiu a marcha para o Occidente, invadindo toda a Russia, a Turquia, a Allemanha, a Austria, a Hollanda, a Belgica e a Inglaterra. O primeiro caso registado em Londres (22 de setembro) deu-se n'um marinheiro do paquete Elbe, que chegara dias antes d'Hamurgo, onde reinava a doença (1). A outros

(1) Macloughlin.—*Result of an inquiry whether cholera can be conveyed by human intercourse from an infected to a healthy locality*. London, 1856.

portos inglezes, apesar do que se lê nos relatorios do *General Board of Health* (1), tambem a doença foi levada por navios infectados, procedentes das costas europeas.

A cholera penetrou em seguida na França, por Dunkerk, declarando-se os primeiros casos logo depois da chegada d'uma balandra com carga de carvão de pedra, que tomara d'um navio procedente de Newcastle, porto então infectado. Do Havre passou a Nova-York e Nova Orleans, levada respectivamente pelos navios *New-York* e *Swanton*, e depressa alastrou pelos Estados-Unidos. A França importou-a de novo em 1849, e, n'este mesmo anno, a doença percorria a Italia, Tunis, Algeria e Marrocos.

De outubro de 1850 a igual mez de 1851 não se notou na Europa nenhuma manifestação choleric, pelo que já se julgava a epidemia completamente extincta quando ella se ateou n'um foco de revivescencia, na Silesia, e com tal violencia que em pouco tempo cobria o continente até ao nosso littoral e

2.^a epid.
de cholera na
Europa (2.^o
periodo,
1851-57).

(1) *Report of the General Board of Health on the epidemic cholera of 1848 & 1849*; London, 1850. *Appendix (A) to the report of the General Board of Health on the epidemic cholera of 1848 & 1849*; *Report by Dr. Sutherland*; London, 1850. *Appendix (B) to the report of the General Board of Health on the epidemic cholera of 1848 & 1849*; *Report by Dr. Graincher*; London, 1850.

atravessava o Oceano, assolando a America do Norte e Central e attingindo pela primeira vez a America do Sul. Em 1852 invadiu a Prussia e, em 1853, a Scandinavia, a Dinamarca, as costas do Baltico, a Inglaterra por Newcastle e Gateshead, a França pelo norte (Aisne) e a Hespanha por Vigo.

Epid. de
1853 em Hes-
panha.

Em principios de novembro o vapor *Isabel a Catholica*, em viagem da Havana, fundeou em Vigo, sendo-lhe imposta quarentena. Durante o impedimento, a cholera manifestou-se a bordo; os doentes foram removidos para o lazareto, morrendo todos. Logo depois, a doença appareceu na cidade. Em 7 de novembro davam-se os primeiros casos, ambos fataes, em duas mulheres que lavaram roupas do lazareto e que habitavam perto d'este, no logar de Cedeira. Os dois ataques seguintes, tambem mortaes, observaram-se em duas desgraçadas que moravam em Cedantes, proximo do lazareto, e que haviam recebido em casa dois marinheiros. A epidemia foi augmentando, percorreu as aldeias do littoral, dirigiu-se para o interior e ganhou Tuy no mez de dezembro.

Cholera de
Valença
(1853).

Nos fins de dezembro registou-se o primeiro caso em Portugal, n'uma lavadeira de Valença, que dias antes viera da Galliza. O marido da lavadeira, quarenta e oito horas